O CASO EXTRAORDINÁRIO DE WATSEKA

DR. E. WINCHESTER STEVENS

Tradução: Amadeu António

O PRODÍGIO DE WATSEKA

Por Dr. E. Winchester Stevens

Provavelmente o caso mais notável de Regresso do Espírito e Manifestação alguma vez registado na história. Totalmente autenticado por uma multidão de testemunhas.

Mais de 100.000 exemplares vendidos. Uma rapariga morta e sepultada há 12 anos regressa, identifica-se e vive durante 3 meses e dez dias como a filha reconhecida pelos seus pais.

Copyright 1928

PREFÁCIO DO TRADUTOR

O Dr. E. Winchester Stevens desempenhou um papel central e multifacetado no caso de Lurancy Vennum, sendo a figura que transformou um caso de suposta "insanidade" num dos relatos mais famosos do espiritualismo americano.

Com base no texto, a sua relação e contributo podem ser divididos em três áreas principais:

1. O Médico e Diagnóstico Inicial

Antes da intervenção do Dr. Stevens, Lurancy estava a ser tratada por médicos locais que não conseguiam resolver os seus "ataques". O diagnóstico predominante era o de insanidade, e Lurancy estava prestes a ser enviada para um asilo de loucos.

- **A Abordagem Diferente:** O Dr. Stevens, ao visitar a casa dos Vennum a 31 de janeiro de 1878, rejeitou a ideia de que ela estivesse louca. Ele descreveu os sintomas como sendo de natureza magnética e espiritual, e não uma doença mental convencional.

2. O Facilitador da Mudança de Personalidade

Foi durante uma consulta com o Dr. Stevens que a personalidade de Mary Roff (falecida 12 anos antes) se manifestou de forma clara e controlada pela primeira vez.

- **O "Conselho" Espiritual:** O Dr. Stevens, agindo como um consultor espiritual e médico, apoiou a sugestão da entidade que se identificava como Mary Roff para que Lurancy fosse viver com a família Roff. Ele acreditava que a mudança de ambiente e a influência de Mary eram a única forma de curar o corpo físico de Lurancy.

3. O Cronista e Investigador

O Dr. Stevens é o autor da narrativa principal de **"The Watseka Wonder"**. A sua relação com o caso foi também a de um investigador documental:

- Ele acompanhou Lurancy durante as 14 semanas em que ela esteve sob o controlo de Mary Roff.
- Tratou Lurancy através de métodos como a "magnetização", muitas vezes sob o controlo de um guia espiritual próprio (chamado Peonomo).
- Recolheu os testemunhos das famílias Roff e Vennum, bem como de vizinhos e figuras públicas de Watseka, para autenticar a veracidade dos eventos.

4. Amigo e Protetor

O texto revela que Lurancy (e a personalidade de Mary nela contida) nutria uma profunda afeição pelo Dr. Stevens. Mesmo após Lurancy recuperar a sua própria identidade, ela mantinha uma "ligação especial" com ele, chegando a entregar-lhe mensagens espirituais de Mary Roff e mantendo correspondência amigável com ele.

Em resumo: O Dr. Stevens foi o médico que salvou Lurancy do asilo, o terapeuta que utilizou métodos espiritualistas para a sua recuperação e o historiador que registou o caso para o mundo, mantendo-se como um conselheiro próximo de ambas as famílias envolvidas.

EM APREÇO

Após uma vida inteiramente dedicada ao serviço do seu semelhante, Winchester Stevens, o narrador destes fenómenos, partiu para a Terra do Verão a 9 de dezembro de 1885, aos sessenta e três anos de idade.

Honesto e cândido, de coração bondoso e pensamento puro, de grande beneficência e de rara perícia na sua profissão, enriquecida por anos de experiência, as boas ações e a influência do Dr. Stevens ainda se fazem sentir no coração comum do mundo, em vidas que se tornaram melhores.

"O bem que os homens fazem sobrevive-lhes."

INTRODUÇÃO

Por J. M. Peebles, M.D., M.A.

Esta não é apenas uma era de investigação, pesquisa e descobertas originais, mas é também uma era de ceticismo e dúvida persistente em relação a todas as realidades que se referem ao invisível. As perceções sensoriais estão muito mais na vanguarda do que as faculdades espirituais e aspiracionais. É triste dizer que as massas vivem mais nos cérebros posteriores e egoístas do que nos salões coronais da alma, abertos a visitantes espirituais e a impressões angélicas.

Não tivesse o inspiracional e erudito B. F. Austin, A.M., D.D., de Rochester, N.Y., sido psiquicamente orientado para a preservação destes notáveis fenómenos ocorridos na família Roff, em Watseka, Ill., e eles teriam sido, sem dúvida, relegados para a nebulosa terra dos sonhos do mito, companheiros do martirizado Homem de Nazaré, do suíço Guilherme Tell, da índia Pocahontas, de Joana d'Arc e de outros notáveis por fenómenos estranhos e assombrosos.

Existem aqueles entre nós que não só questionarão o conhecimento dos seus pares, como chegarão a inventar milagres para se livrarem da verdade pura — uma verdade testemunhada pela sabedoria das eras: que os espíritos dos nossos mortos estão vivos e que, sob dadas condições, podem não só trazer-nos mensagens vivas, mas, como no caso de Mary Roff, podem habitar temporariamente outro corpo e residir por algum tempo, com um propósito especial, no lar terrestre dos seus amigos, para alegria quase ilimitada destes.

Através do tratamento médico do Sr. Roff, tive o privilégio de não só visitar Watseka, Ill., mas de travar conhecimento pessoal com a família Roff — uma família não só altamente respeitada, mas que se movia no que se denominava a "alta sociedade". E, além disso, fui honrado por conhecer pessoalmente o Dr. E. W. Stevens, um cavalheiro excelentíssimo e culto, dotado de um forte poder magnético; poder este que era intensificado por um círculo solidário de espíritos influenciadores. Como é bem sabido, este Dr. Stevens era um Espiritualista e um homem consciencioso e profundamente religioso, honrado por todos os que pessoalmente o conheciam.

Os factos notáveis relatados neste livro, "O Prodígio de Watseka", que encarnam as relações psíquicas entre Lurancy e Mary, eram tão novos que muitos Espiritualistas sustentavam ser impossível um espírito entrar no corpo vago de um mortal vivo e manifestar-se através dele. E existem certos retardatários espiritualistas até hoje que falam do "impossível" sobre este assunto e temas afins.

Mas poderá um espírito nas esferas espirituais, sob quaisquer condições, entrar no corpo vago de um mortal vivo e manifestar-se através dos quarenta e

dois órgãos cerebrais frenológicos, dos tendões, músculos e nervos — terá isto alguma vez sido feito?

O Que É O Espírito?

Os poetas e profetas estão sempre à frente dos sacerdotes. Assim era nos tempos hebraicos e assim é hoje. Aquele antigo profeta que compilou o Livro dos Provérbios exclamou num momento de inspiração: "O espírito do homem é a vela do Senhor". E é a função da vela, ou lâmpada, iluminar a sala e o seu mobiliário. Assim, o espírito consciente, simbolizado pelas luzes da vela, manifesta-se através dos quarenta e dois órgãos cerebrais, através do corpo carnal de músculos, tendões e nervos.

Lembre-se que o corpo é uma peça de maquinaria transitória, concebida e construída pelo espírito inteligente consciente; mas este espírito construtor, no processo de construção, não se construiu nem se encastrou fixamente no corpo de modo a que só pudesse escapar através da morte. Isso seria um enterro vivo e suicida. Não; este espírito consciente não está necessariamente entalado e fixo em alguns pés de mortalidade. Pode, em sonhos e visões, deixar temporariamente o corpo, visitando diferentes partes deste planeta, Marte e as estrelas que cintilam e brilham acima de nós.

E assim, tendo Lurancy Vennum, através de guias sábios, deixado o seu corpo, Mary, da família Roff, deixou efetivamente o mundo espiritual e, descendo, habitou por algum tempo no corpo de Lurancy, levando-o para a sua antiga casa e desfrutando da doçura do amor, da amizade e das relações familiares. Ela viveu virtualmente vários meses em dois mundos, na terra e na terra espiritual; vibrando entre ambos, desfrutando de ambos e recebendo lições, entretanto, dos anjos que se deleitam em fazer a vontade do Pai.

Não houve "dupla consciência" neste caso. Não há em caso algum. A consciência é uma unidade. Frases como "consciência duplex", "personalidades sétuplas" e o "subliminar superconsciente", embora nada expliquem, confundem e obscurecem o discurso.

Certa vez perguntei a uma inteligência espiritual muito exaltada estas questões:

- **Pode, enquanto em transe através deste médium, ver o espírito real?** Não, não posso. Apenas sinto e vejo o corpo espiritual.

- **Ao entrar em transe num mortal no corpo, faz com que o dono do corpo o desocupe?** Não necessariamente; o transe é pouco mais do que influência mesmérica.

- **Pode realmente ver — pode descrever o espírito sem carne e sem vestes deste corpo?** Não posso. O máximo que posso dizer através deste instrumento é que parece ser uma entidade distinta,

assemelhando-se a um diamante de fogo — um ponto brilhante de esplendor ofuscante brilhando através de um fluido branco muito etéreo, ligado de alguma forma, simpática e vibratoriamente, ao corpo que possui.

Quão pouco o mais sábio de nós sabe sobre o poder formidável do espírito! Na verdade, todo o poder é poder espiritual, invisível e sempre persistente; e o testemunho deste poder invisível — estas poderosas forças fenomenais que se manifestaram durante meses na família Roff — demonstra a certeza de uma vida futura, carregando consigo as memórias e os amores mais puros e altruístas desta vida.

Estes fenómenos notáveis e inquestionavelmente autenticados, ocorridos nas famílias Vennum e Roff, não foram sobrenaturais: mas naturais para aquele plano superior de consciência espiritual.

Bendito seja o Espiritualismo! A sua estrela de progresso está ascendente. O seu sol nunca se porá. E, no que diz respeito ao grande além, será dito, mais cedo ou mais tarde, por todas as pessoas sensatas: "Partiu — partiu apenas em aparência para se juntar ao coro invisível daqueles mortos imortais que vivem novamente em mentes tornadas melhores pela sua presença".

O Espiritualismo, com o seu Pai-Mãe vivo no Céu; a sua bela fraternidade humana; o seu ministério presente e perpétuo de espíritos; os seus castigos paternais pela má conduta; o seu coração aberto a todas as reformas; a sua doce caridade para com as desventuras humanas; as suas palavras encorajadoras e inspiradoras para os doentes; a sua voz confortante para o enlutado de coração triste, e os seus sussurros musicais de amor e mensagens preciosas daqueles que cruzaram o rio de cristal, revestindo-se de imortalidade — passando o verão na verdura eterna e no florescer dos campos elísios dos bem-aventurados, onde as almas nunca decaem nem os sóis alguma vez se põem — é de Deus. Repito, este Espiritualismo é de Deus. Veio para ficar, e ficará e permanecerá para sempre.

Battle Creek, Mich.

NOTA EDITORIAL

Em nenhuma linha da atividade humana hoje o progresso da humanidade é mais acentuado do que no crescente interesse das pessoas em assuntos relativos aos nossos poderes mentais e espirituais, e ao seu desdobramento. Este é um sinal dos tempos muito promissor, e denota o facto de que, embora exteriormente estejamos muito entregues ao materialismo, na nossa vida mais nova e real estamos a elevar-nos em direção a "coisas mais nobres".

Mil sinais dos tempos indicam o facto significativo de que, apesar da corrida louca pelo dinheiro e poder da nossa vida comercial e política, uma grande fome espiritual apoderou-se da alma da humanidade, uma fome que nenhuma quantidade de alimento material poderá jamais saciar. Temos a autoridade do grande mestre Nazareno para dizer que a fome espiritual é uma bênção, e que ela deve encontrar e encontrará plena satisfação.

Não se pode encontrar melhor indicador da opinião pública e da tendência do pensamento e desejo das pessoas do que a imprensa pública; e esta indica um interesse em rápido crescimento em todos os assuntos de pesquisa psíquica e questões relativas ao desdobramento presente e futuro do homem.

Os principais diários das grandes cidades competem agora uns com os outros em tentativas de suprir a procura cada vez maior de factos e incidentes autênticos relativos à intercomunicação dos dois mundos. A grande massa de incidentes certificados recolhidos pela Sociedade de Pesquisa Psíquica tem — como todos devem ver — uma relação direta com o Problema da Imortalidade. As grandes revistas — há poucos anos rigidamente fechadas a todos os assuntos ocultos — estão agora a descobrir que é do seu interesse fornecer aos seus leitores o que há de mais recente e melhor na pesquisa psíquica. E o fim ainda não chegou.

Nenhum momento mais oportuno poderia, portanto, ter sido escolhido para lançar uma edição nova e ampliada de "O Prodígio de Watseka", uma história de acontecimentos reais, contudo maravilhosos, em Watseka, Illinois, E.U.A., há mais de cinquenta anos, que é atestada por tal multidão de testemunhas credíveis — algumas delas vivas hoje — que duvidar da história é contestar todo o testemunho humano.

Os factos foram investigados por muitos psicólogos e investigadores psíquicos de renome, incluindo o falecido Dr. Richard Hodgson, com apenas um resultado: um pronto reconhecimento do caráter autêntico da história. Se a história for verdadeira, a terra e o céu não estão muito separados; mortais e espíritos comunicam, e as principais afirmações da Filosofia Espiritualista estão indiscutivelmente estabelecidas.

Enviamos a nova edição com uma Introdução pelo venerável Dr. James M. Peebles de Battle Creek, Mich., que conheceu as personagens principais da

história, e Reminiscências da visita de três meses de Mary Roff, em espírito, ao lar do seu povo no corpo emprestado de Lurancy Vennum, pela Sra. H. H. Alter, de Watseka, Ill., sua irmã, com a esperança de que possa interessar e instruir a humanidade e ajudar a resolver o problema: "Se um homem morrer, voltará a viver?"

Os Editores

O PRODÍGIO DE WATSEKA

"Os factos são a base da filosofia; a Filosofia é a harmonia dos factos vistos nas suas relações corretas." — T. L. Harris.

- O surgimento do Espiritualismo e da Teosofia em terrenos queimados pelos fogos do inferno ortodoxo, e precisamente diante dos ventos de leste que sopram dos mares desoladores da dúvida, testifica a fome dos homens por alguma garantia de que os amados e falecidos não estão também perdidos. — Rev. M. J. Savage, num sermão sobre "A Imortalidade e o Pensamento Moderno", proferido na Convenção de Unitários de Saratoga, setembro de 1886.

- Pode haver no que se chama Espiritualismo, na cura pela mente e em muitos outros novos desenvolvimentos, os germes de algo superior; e devemos estar dispostos a que a nova teoria tome o seu lugar e, sob as grandes leis da vida, cumpra o seu destino; e não, como Faraó, procurar "matar a criança". Pode ser que, nas primeiras aparições de muitas destas novas ideias, elas sejam cruas, e que aqueles que as recebem e defendem não compreendam, eles próprios, todo o seu real significado... * * * Regozijemo-nos por a continuidade da vida parecer a alguns um facto demonstrado; e por a outros parecer possível uma lei superior de cura mental; e que de uma forma ou de outra, e por todos os caminhos, a verdade esteja a chegar ao nosso mundo, e o nosso mundo esteja a chegar à verdade. * * * — H. W. Thomas, D. D., no "Religio-Philosophical Journal" (25 de dezembro de 1886).

Estudado e interpretado racionalmente, sem misturas de ilusões autogeradas ou impostas por outros, o Espiritualismo é a única salvaguarda segura contra todas as superstições. Mostra que o mundo invisível está tanto dentro da esfera da natureza universal como o nosso; é o solvente de todos os mistérios que têm perplexado os filósofos. — Epes Sargent, em "Scientific Basis of Spiritualism".

Watseka, Illinois, foi varrida por uma onda de excitação devido à presumível loucura de uma tal Lurancy Vennum, uma jovem pertencente a uma família modesta nos subúrbios da cidade. A sua loucura, como se pensava que fosse, data de 11 de julho de 1877; e os fenómenos notáveis continuaram até à

sua perfeita restauração através da ajuda de Espiritualistas e espíritos amigos, em 21 de maio de 1878.

Assim, durante dez meses e dez dias, estes fenómenos continuaram a excitar e a agitar o povo. A narrativa que se segue é verdadeira, e tão completa quanto os factos recolhidos junto dos pais e familiares das partes aqui nomeadas e as observações feitas pelo autor permitem garantir.

Thomas J. Vennum nasceu a 7 de maio de 1832, no Condado de Washington, Pensilvânia; Lurinda J. Smith (sua esposa), nasceu a 14 de outubro de 1837, no Condado de St. Joseph, Indiana. Casaram-se no Condado de Fayette, Iowa, a 2 de dezembro de 1855.

Mary Lurancy Vennum, filha dos supracitados Thomas e Lurinda J. Vennum, nasceu a 16 de abril de 1864, no município de Milford, sete milhas a sul de Watseka.

A família mudou-se para Iowa a 12 de julho de 1864 e regressou às proximidades, a oito milhas de Watseka, em outubro de 1865. Em agosto de 1866, mudaram-se para Milford, doze milhas a sul de Watseka, e ali permaneceram até 1 de março de 1870; depois mudaram-se para um local a duas milhas e meia de Milford até 1 de abril de 1871, data em que se mudaram para Watseka, localizando-se a cerca de quarenta varas da residência de A. B. Roff, cuja filha espiritual, de acordo com todos os factos e representações testados de todas as formas, é a personagem principal nesta notável narrativa.

A família permaneceu neste local durante o verão. O único conhecimento que alguma vez houve entre as duas famílias durante essa estação foi apenas uma breve visita da Sra. Roff, por alguns minutos, à Sra. Vennum, visita essa que nunca foi retribuída; e um conhecimento formal de saudação entre os dois cavalheiros. Desde 1871, a família Vennum tinha vivido inteiramente afastada das proximidades do Sr. Roff, e nunca mais perto do que agora, em limites opostos extremos da cidade.

"Rancy", como era familiarmente chamada, nunca estivera doente, exceto um ligeiro surto de sarampo em 1873. Poucos dias antes de ocorrerem os incidentes que se seguem, ela disse à família: "Estavam pessoas no meu quarto ontem à noite, e chamaram 'Rancy! Rancy!!' e eu senti o hálito delas no meu rosto." Logo na noite seguinte, levantou-se da cama, dizendo que não conseguia dormir, que de cada vez que tentava dormir, vinham pessoas e chamavam por ela: "**15 | O PRODÍGIO DE WATSEKA** Rancy! Rancy!!". A mãe foi para a cama com ela, após o que ela descansou e dormiu o resto da noite.

No dia onze de julho de 1877, Lurancy estivera a coser tapetes durante parte da tarde, quando por volta das seis horas deixou o trabalho, enquanto a mãe dizia: "Lurancy, era melhor começares a preparar o jantar." A rapariga respondeu: "Mãe, sinto-me mal; sinto-me tão estranha", e colocando a mão

sobre o peito esquerdo, entrou imediatamente no que parecia ser um ataque, caindo pesadamente no chão, ficando aparentemente morta, com todos os músculos subitamente rígidos. Assim permaneceu durante cinco horas. Ao recuperar a consciência, disse que se sentia "muito estranha e esquisita". No resto da noite, descansou bem. No dia seguinte, o estado de rigidez regressou e, ultrapassando a rigidez, a sua mente tomou conhecimento de dois estados de ser ao mesmo tempo. Jacente como se estivesse morta, falava livremente, dizendo à família que pessoas e espíritos conseguia ver, descrevendo-os e chamando alguns pelo nome. Entre os mencionados estavam a sua irmã e o seu irmão, pois exclamou: "Oh, mãe! não consegues ver a pequena Laura e o Bertie? Eles são tão lindos!", etc., etc. Bertie morreu quando Lurancy tinha apenas três anos de idade.

Ela teve muitos destes transes, descrevendo o céu e os espíritos, ou os anjos, como ela lhes chamava. Algures em setembro, ficou livre deles e pareceu à família estar novamente bastante bem.

No dia vinte e sete de novembro de 1877, foi atacada por uma dor violentíssima no estômago, cerca de cinco ou seis vezes por dia; durante duas semanas teve as dores mais lancinantes. Nestes paroxismos dolorosos, ela dobrava-se para trás até a cabeça e os pés chegarem a tocar-se. Ao fim de duas semanas, ou por volta do dia onze de dezembro, nestes ataques de aflição, ela perdia a consciência e passava para um transe estranho e, tal como em ocasiões anteriores, descrevia o céu e espíritos, chamando-lhes frequentemente anjos.

Desta data em diante, até ao primeiro de fevereiro de 1878, ela teria estes transes e, por vezes, uma obsessão aparentemente real, de três a oito e por vezes até doze vezes por dia, durando de uma a oito horas, ocasionalmente passando para aquele estado de êxtase em que, como Lurancy, afirmava estar no céu.

Durante o tempo registado, até cerca de meados de janeiro de 1878, ela estivera sob os cuidados do Dr. L. N. Pitwood no verão e do Dr. Jewett durante o inverno. Estes médicos são ambos eminentes praticantes alopatas e residentes em Watseka. A Sra. Allison, a Sra. Jolly e outros parentes e amigos acreditavam que ela estava louca. O Rev. B. M. Baker, o ministro Metodista responsável em Watseka, escreveu para o asilo de loucos para averiguar se a rapariga poderia ser ali recebida. Parecia ser o sentimento geral entre todos os amigos, exceto os pais e alguns que eram apenas observadores e pensadores solidários, que a rapariga deveria ir para o asilo.

Havia na Cidade de Watseka, nesta altura, pessoas que tinham mais humanidade do que fanatismo; pessoas que acreditam, na linguagem de um conferencista Espiritualista, que "a doença tem uma origem dinâmica ou espiritual"; pessoas que afirmam compreender algo das forças ocultas e dos

fenómenos da mente, e as doenças incidentes a uma falsa conceção e oposição às suas potencialidades; pessoas que acreditam que Deus, não sendo "aceitador de pessoas" e "sem variabilidade ou sombra de mudança", esse poder existe hoje, como nos dias do Nazareno, para expulsar demónios. Entre esta classe estavam Asa B. Roff e a sua esposa, que, com outros, ficaram profundamente despertos para a importância de travar o movimento de tirar uma criança adorável do seio de uma família afetuosa, para a aprisionar entre maníacos, para ser governada e cuidada por estranhos ignorantes e fanáticos, que sabem menos de catalepsia do que um materialista cego sabe de imortalidade. Estas boas pessoas aventuraram-se, no espírito mais gentil e cristão, a aconselhar os pais e a recomendar outro tratamento, diferente de qualquer um que tivesse sido administrado.

Estas almas zelosas e abnegadas, imbuídas da convicção de que espíritos incultos tinham algo a ver com o caso, imploraram aos muitos amigos da criança que a retivessem do asilo até que se pudesse mostrar melhor se a rapariga estava realmente louca ou se a sua condição infeliz poderia ser atribuída a mentes estranhas. O Sr. Roff, após muita persuasão, obteve o consentimento do pai da rapariga para a visitar e trazer consigo o Dr. E. W. Stevens, de Janesville, Wis., para investigar o caso. O Dr. Stevens, que, durante vários meses, em intervalos frequentes, estivera na cidade e fora um ouvinte silencioso dos escárnios e escândalos lançados contra os Espiritualistas por causa das suas opiniões sobre o caso, e do fermento mental universal na cidade sobre o assunto, foi formalmente convidado pelo Sr. Vennum, através do Sr. Roff, para visitar a família.

Na tarde de 31 de janeiro de 1878, os dois cavalheiros dirigiram-se à residência do Sr. Vennum, um pouco fora da cidade. O Dr. Stevens, um total estranho para a família, foi apresentado pelo Sr. Roff às quatro horas da tarde; nenhuma outra pessoa estava presente além da família. A rapariga estava sentada perto do fogão, numa cadeira comum, com os cotovelos nos joelhos, as mãos sob o queixo, os pés encolhidos na cadeira, olhos fixos, parecendo em tudo uma "velha megera". Ficou sentada durante algum tempo em silêncio, até que o Dr. Stevens moveu a sua cadeira, momento em que ela o avisou selvaticamente para não se aproximar mais. Parecia Carrancuda e rabugenta, chamando ao pai "Velho Black Dick" e à mãe "Velha Avó". Recusava ser tocada, até mesmo para apertar as mãos, e mostrava-se reticente e carrancuda com todos exceto com o doutor, com quem entrou livremente em conversação, dando as suas razões para o fazer; disse que ele era um doutor espiritual e que a compreenderia.

Quando ele lhe perguntou o nome, ela respondeu rapidamente: "Katrina Hogan." "Que idade?" "Sessenta e três anos." "De onde?" "Alemanha." "Há quanto tempo?" "Três dias." "Como vieste?" "Pelo ar." "Quanto tempo ficarás?" "Três semanas."

Após este sistema de conversação ter prosseguido durante algum tempo, ela modificou muito o seu comportamento, parecendo um pouco penitente e confidencial, e disse que seria honesta e diria ao doutor o seu verdadeiro nome. Ela não era uma mulher; e o seu verdadeiro nome era Willie. Ao ser-lhe perguntado qual era o nome do seu pai, respondeu: "Peter Canning", e o seu próprio nome era Willie Canning, um jovem; fugira de casa, metera-se em dificuldades, mudara de nome várias vezes e acabara por perder a vida e estava agora aqui porque "queria estar", etc. Cansou-se de responder a perguntas e dar detalhes. Depois, virou-se para o doutor com uma verdadeira chuva de perguntas, tais como: "Qual é o seu nome? Onde vive? É casado? Quantos filhos? Quantos rapazes? Quantas raparigas? Qual é a sua profissão? Que tipo de médico? Para que veio a Watseka? Já esteve no Polo Sul? Polo Norte? Europa? Austrália? Egito? Ceilão? Benares? Ilhas Sandwich?" e, através de uma longa série de perguntas, evidenciou um conhecimento de geografia. Em seguida, inquiriu sobre os hábitos e a moral do doutor através de perguntas como as que se seguem:

"Mente? Fica bêbedo? Rouba? Pragueja? Usa tabaco? Chá? Café? Vai à igreja? Reza?", etc., etc. Ela pediu então que as mesmas perguntas fossem feitas ao Sr. Roff. Recusou-se a fazê-las ela própria diretamente, mas sim através do doutor. Tinham também de ser repetidas através dele ao Sr. Vennum; lançando, entretanto, algumas reticências muito desagradáveis.

Quando, por volta das cinco e meia da tarde, os visitantes se levantaram para partir, ela também se levantou, atirou as mãos para o ar e caiu no chão, esticada, tesa e rígida, tal como os sensitivos caem com o "poder" nas reuniões de avivamento Metodistas; e, acreditando ser da mesma natureza, o doutor aproveitou a ocasião para o provar, como tem feito com aqueles atingidos pelo "poder", controlando o corpo e a mente e restaurando-os a um estado normal e racional, apesar do "poder".

Estando os visitantes novamente sentados, ele segurou as mãos dela enquanto estas eram mantidas esticadas para cima, como barras de ferro, e por ação magnética logo teve o corpo sob controlo perfeito e, através das leis da ciência Espiritual, esteve em breve em comunicação plena e livre com a mente sã e feliz da própria Lurancy Vennum, que conversava com a graça e doçura de um anjo, declarando-se estar no céu. Nesta condição, ela respondeu às perguntas do doutor com referência a si mesma, à sua condição aparentemente insana e às influências que a controlavam, com grande racionalidade e entendimento. Lamentava ter tais controlos malignos ao seu redor.

Ela disse que conhecia o espírito maligno que se auto-intitulava Katrina e Willie e outros. O doutor continuou a sugerir à sua mente coisas para preparar o caminho para uma mudança de influências, esclarecendo-a e instruindo-a agora, enquanto a sua mente estava clara e nesta condição superior, e

perguntou-lhe então, se ela tivesse de ser controlada, se não seria melhor, se fosse possível, ter um controlo mais elevado, mais puro, mais feliz e mais inteligente ou racional. Ela disse que preferia, se assim pudesse ser. Então, sob conselho, olhou ao redor e inquiriu daqueles que via, e descreveu e nomeou, para encontrar alguém que impedisse os cruéis e insanos de regressarem para a incomodar a ela e à família.

Em breve disse: "Há aqui muitos espíritos que ficariam felizes por vir", e procedeu novamente a dar nomes e descrições de pessoas falecidas há muito tempo; algumas que ela nunca conhecera, mas que eram conhecidas por pessoas mais velhas presentes. Mas, disse ela, há uma que os anjos desejam que venha, e ela quer vir. Ao ser-lhe perguntado se sabia quem era, disse: "O nome dela é Mary Roff." O Sr. Roff, estando presente, disse: "Essa é a minha filha; Mary Roff é a minha menina. Ora, ela está no céu há doze anos. Sim, deixem-na vir, ficaremos felizes por ela vir." O Sr. Roff assegurou a Lurancy que Mary era boa e inteligente e que a ajudaria em tudo o que pudesse; afirmando ainda que Mary costumava estar sujeita a condições semelhantes às dela.

Lurancy, após devida deliberação e aconselhamento com os espíritos, disse que Mary tomaria o lugar da anterior influência selvagem e irracional. O Sr. Roff disse-lhe: "Pede à tua mãe que te leve à minha casa e Mary provavelmente virá connosco, e um benefício mútuo poderá ser derivado da nossa experiência anterior com a Mary." Assim, alcançando a mente sã da rapariga e, através dela, as mentes sãs de uma melhor classe de espíritos, foi feito um contrato ou acordo, para ser mantido sagrado pelos anjos no céu e pelos agentes do céu na carne, pelo qual um corpo mortal seria restaurado à saúde; um espírito, infeliz na vida terrena, com doze anos de experiência na vida espiritual, teria uma experiência terrena alterada, uma criança seria espiritualizada e moldada num fino médium, e uma cidade incrédula e escarnecedora seria confundida, e a maior verdade que o mundo alguma vez procurou, estabelecida além de dúvida ou contestação. Até que ponto o contrato foi cumprido pelos espíritos e pelos seus fiéis colaboradores aqui, o desfecho o mostrará.

Estando agora alcançado o objetivo da visita, o Dr. Stevens perguntou: "Quanto tempo queres ficar no céu?" Ela respondeu: "Sempre, senhor." "Mas voltarás por amor aos teus amigos?" "Sim, senhor." "Quando voltarás?" "Às doze horas." "Mas a família precisará de descanso. Não podes vir mais cedo?" "Sim, senhor, posso." "Quão cedo podes vir?" "Às nove horas, senhor." "Virás às nove?" "Virei." E assim fez.

Após quase três horas de investigações cuidadosas, conversação e aplicação das leis da ciência Espiritual e da harmonia, o Sr. Roff e o doutor retiraram-se, deixando a família satisfeita por se ter alcançado um novo alicerce de luz e fonte de ajuda. Um novo raio de verdade alcançou e tocou os

corações da família sofredora — e, para usar a linguagem de Mary Roff, "o Dr. Stevens abriu-lhe o portão", e para o influxo de luz onde antes havia trevas.

Na manhã seguinte, sexta-feira, dia um de fevereiro, o Sr. Vennum passou pelo escritório do Sr. Roff e informou-o de que a rapariga afirmava ser Mary Roff e queria ir para casa. Para usar as palavras do Sr. Vennum: "Ela parece uma criança com saudades de casa, querendo ver o seu pai e a sua mãe e os seus irmãos."

Torna-se agora necessário, na relação desta narrativa, dar um breve esboço da vida de Mary Roff.

Mary Roff, filha de Asa B. e Ann Roff, nasceu no oitavo dia de outubro de 1846, no Condado de Warren, Indiana. A família mudou-se em novembro do mesmo ano para Williamsport, Ind., e daí, em setembro de 1847, para Middleport, Ill., onde residiram até junho de 1857, quando se mudaram para Victoria, Texas, em busca de alívio para uma criança doente. Em março de 1858, regressaram a Gilman e permaneceram ali e em Onarga, Ill., até à construção da ferrovia Toledo, Peoria e Warsaw, quando regressaram a Middleport, a 8 de novembro de 1859, e construíram a primeira casa na nova vila de South Middleport, que é agora parte da Cidade de Watseka, onde ainda residem.

Na primavera de 1847, com cerca de seis meses de idade, Mary adoeceu e teve um ataque, no qual permaneceu várias horas. Após o ataque, recuperou a consciência e permaneceu vários dias sem que a família tivesse muita esperança na sua recuperação. Em duas ou três semanas, parecia ter recuperado inteiramente. Algumas semanas depois, agiu, numa ocasião, como uma criança a entrar num ataque. As pupilas dos seus olhos dilataram-se, os músculos contraíram-se ligeiramente; mas durou apenas alguns momentos.

Desde a idade de cerca de seis meses, ela tinha estes episódios como descrito, uma vez a cada três a cinco semanas, aumentando sempre em força e violência, até ao seu décimo ano, quando provaram ser ataques reais, tendo de um a três e por vezes quatro ou cinco deles num período de três ou quatro dias, após o que cessavam, e ela desfrutava de boa saúde até ao aproximar do período seguinte. Nestas alturas, durante alguns dias, ela parecia triste e desanimada, humor no qual cantava e tocava a música mais solene (pois, com todos os restantes estudos, nos quais era considerada bastante avançada, aprendera música), e quase sempre cantava aquela bela canção, "We Are Coming, Sister Mary" [Estamos a Chegar, Irmã Mary], que era a sua favorita.

Quando tinha quinze anos, e a violência dos ataques tinha aumentado, os pais disseram que conseguiam ver que a sua mente era afetada durante os períodos de melancolia anteriores aos ataques. O Dr. Jesse Bennett, agora residente em Sparta, Wis., e o Dr. Franklin Blades, agora Juiz do Décimo Primeiro Circuito Judicial de Illinois e residente em Watseka, foram contratados

para a assistir. O Dr. N. S. Davis, de Chicago, e vários outros médicos proeminentes examinaram-na. Mantiveram-na na hidroterapia em Peoria, Ill., sob os cuidados do Dr. Nevins, durante dezoito meses, mas tudo sem resultado.

No verão de 1864, ela parecia ter quase uma mania de se sangrar para alívio, como dizia, "do nó de dor na cabeça". Os Drs. Fowler, Secrets e Pitwood foram chamados e aplicaram sanguessugas. Ela própria as aplicava nas têmporas e gostava delas, tratando-as como pequenos animais de estimação, até parecer sã e bem.

Na manhã de sábado, 16 de julho de 1864, num dos seus humores desanimados, levou secretamente uma faca para o quintal e cortou o braço terrivelmente até que, sangrando excessivamente, desmaiou. Isto ocorreu por volta das nove horas da manhã. Permaneceu inconsciente até às duas horas da tarde, quando se tornou uma maníaca furiosa do tipo mais violento, condição na qual permaneceu cinco dias e noites, exigindo quase constantemente os serviços de cinco dos homens mais robustos para a segurarem na cama, embora o seu peso fosse apenas de cerca de cem libras [aprox. 45kg] e ela tivesse perdido quase todo o seu sangue.

Quando cessou o delírio, ela parecia e agia de forma bastante natural e bem, e conseguia fazer tudo o que desejava com a mesma prontidão e correção que em qualquer outra altura da sua vida. Contudo, parecia não conhecer ninguém e não conseguia reconhecer de todo a presença de pessoas, embora a casa estivesse quase cheia de gente dia e noite. Não tinha qualquer sentido de visão, tato ou audição de forma natural, como foi provado por todos os testes que puderam ser aplicados.

Conseguia ler de olhos vendados e fazer tudo com a mesma prontidão que quando de boa saúde pela sua visão natural. Vestia-se, punha-se diante do espelho, abria e vasculhava gavetas, apanhava alfinetes soltos, fazia toda e qualquer coisa prontamente e sem incómodo, sob pesadas vendas.

Próximo da altura, em 1864, em que cortou o braço, estando vendada, pegou na enciclopédia do Dr. Trall, foi ao índice, percorreu a coluna até chegar à palavra "sangue", depois abriu na página indicada e leu o assunto até ao fim. Noutra ocasião, pegou numa caixa das suas cartas recebidas de amigos e sentou-se, pesadamente vendada por cavalheiros investigadores, inteligentes e críticos, examinou-as e leu-as sem erro ou hesitação.

Quando o Rev. J. H. Rhea, o Editor A. J. Smith, o Sr. Roff e outros trocaram e organizaram promiscuamente algumas das suas próprias cartas com as de Mary, ela procedeu imediatamente a retirar corretamente as cartas intrusas e a examiná-las. Se estivessem ao contrário, virava-as rapidamente, lia o endereço nelas contido e atirava violentamente para longe qualquer carta que não fosse sua; e reorganizava vinte ou trinta cartas na ordem em que

desejava tê-las. O Rev. J. H. Rhea era o ministro Metodista responsável na altura; A. G. Smith era editor do "Republican" do Condado de Iroquois, agora editor do "Times" de Danville (Ill.). Ela foi também investigada por todos os cidadãos proeminentes de Watseka naquela época.

Para os médicos, o seu estado ou condição peculiar era chamado de catalepsia. Para o clero, era um dos mistérios da providência de Deus, com o qual deveríamos ter pouco a ver. Para os editores, que são obrigados a ser sábios ou silenciosos, eram ataques ou algum fenómeno inexplicável. Todos, com esforço incansável, tentaram resolver o mistério e aprender o que era que produzia tais manifestações estranhas e maravilhosas. O editor do "Times" de Danville, numa edição recente, escreve:

"Quanto a Mary Roff, foi nossa sorte conhecer a doce rapariga, que era ela própria uma cataléptica e que morreu há doze anos."

A doença destronou-lhe a razão e enlouqueceu-lhe o cérebro até ela atentar contra a sua própria vida e a de outros, e a modesta jovem transformou-se numa maníaca furiosa. Tinha períodos de isenção de delírio e, assim, a sua mente aberrante concebia fantasias da mais estranha matiz, criando os seres mais impossíveis como associados; e, conversando com eles, mantinha o seu lado da conversa num tom de voz habitual, enquanto a imaginação dotava os seus associados criados de linguagem e inteligência.

Quando nesta condição, o seu pai e a sua mãe afirmaram a descoberta de que Mary conseguia ler um livro com as capas fechadas, e desejaram que testássemos a correção do que alegavam. Retirámos, portanto, do nosso bolso lateral uma carta guardada num envelope e, segurando-a diante dos seus olhos vendados, dissemos-lhe: "Mary, lê a assinatura dessa carta". Imediatamente o nome próprio foi pronunciado.

Após permanecer no estado de clarividência acima relatado por três ou quatro dias, voltou novamente à sua condição normal e em tão boa saúde como habitualmente estava, exceto pelos ataques. Desta altura em diante, continuou como estivera antes de cortar o braço. Os seus ataques aumentaram, e os pais foram aconselhados a colocá-la no asilo de loucos. A 5 de julho de 1865 [sic]* enquanto os seus pais estavam em Peoria, Ill., numa visita de três dias, ela comeu um pequeno-almoço reforçado e, pouco depois, deitou-se na sua cama e, na sua saúde habitual, adormeceu. Em poucos minutos foi ouvida a gritar, como era habitual ao ter um ataque. Ao aproximarem-se da sua cabeceira, encontraram-na num ataque e, em poucos momentos, ela expirou.

**Nota: O texto original indica 1845, mas o contexto biográfico sugere 1865.*

Regressamos agora e retomamos a narrativa original onde a deixámos, datada de 1 de fevereiro de 1878, quando se viu pela primeira vez que Mary Roff tinha o controlo do corpo de Lurancy e implorava para ir para casa. Poderia ser possível que o abismo da morte tivesse sido transposto? Que o portão do céu tivesse sido deixado aberto? Teria Mary, tal como Moisés e Elias, regressado para uma transfiguração? Ou, como o espírito de "um dos profetas", teria ela vindo com uma revelação para a gruta de trevas deste Patmos obscurecido? Estariam os inúmeros factos das eras bíblicas a repetir-se agora? Poderemos dizer com Job: "Um espírito passou diante do meu rosto"? Ezequiel e Isaías falaram com os falecidos, Saul conversou com Samuel, Paulo e os pastores com espíritos no ar; e poderemos nós falar com Mary? E os amigos da família foram ver, e responderam: "Sim!"

De rapariga selvagem, colérica e ingovernável, a ser mantida apenas sob chave ou sob a mais angustiante vigilância de pais quase frenéticos; ou da rígida cataléptica semelhante a um cadáver, como se acreditava, a rapariga tornou-se agora meiga, dócil, educada e tímida, não conhecendo ninguém da família, mas suplicando constantemente para ir para casa. A maior sabedoria da família foi usada para a convencer de que estava em casa e que devia permanecer. Chorando, não se deixava pacificar e só encontrava contentamento ao regressar ao céu, como dizia, para visitas curtas.

Cerca de uma semana depois de ela assumir o controlo do corpo, a Sra. A. B. Roff e a sua filha, a Sra. Minerva Alter, irmã de Mary, ouvindo falar da notável mudança, foram ver a rapariga. Assim que surgiram à vista, ao longe na rua, Mary, olhando pela janela, exclamou exultante: "Ali vem a minha mãe e a irmã Nervie!" — o nome pelo qual Mary costumava chamar a Sra. Alter na infância. Quando entraram na casa, ela abraçou-as pelo pescoço, chorou e gritou de alegria, e pareceu tão feliz por encontrá-las. A partir desta altura, ela pareceu ter mais saudades de casa do que antes. Por vezes parecia quase frenética para ir para casa.

Finalmente, alguns amigos da família insistiram para que a enviassem para casa do Sr. Roff, o que eles aceitaram fazer com relutância; relutância porque a rapariga dava tanto trabalho e cuidado, como dera durante todo o inverno; de tal forma que a Sra. Vennum estava quase prostrada e não teria sobrevivido ao cuidado e à ansiedade por muitos meses mais, sob o mesmo estado de coisas. Sentiam que seria um abuso enviar a rapariga para ser cuidada por estranhos, e especialmente pela Sra. Roff, pois esta não tinha condições para se encarregar e cuidar de uma rapariga que dera tanto trabalho como esta dera à Sra. Vennum.

O Sr. e a Sra. Roff, com os seus corações sempre cheios da bondade humana, mais prontos a perdoar do que a censurar, e enfrentando os escarnecedores e as insinuações provocadoras de um fanatismo inculto, sem outro motivo que não o de misericórdia e bondade, abriram as suas portas e

corações para receber a infeliz rapariga com o seu novo controlo, sem esperança ou desejo de recompensa senão no sentido de uma justa simpatia pelo que é correto e verdadeiro. Lembraram-se do preceito: "Não vos esqueçais de hospedar estranhos, porque por ela alguns, sem o saberem, hospedaram anjos".

No décimo primeiro dia de fevereiro de 1878, enviaram a rapariga para casa do Sr. Roff, onde ela encontrou o seu "pai e mãe" e cada membro da família, com as mais gratificantes expressões de amor e afeto, por palavras e abraços. Ao ser-lhe perguntado quanto tempo ficaria, disse: "Os anjos deixar-me-ão ficar até algures em maio"; e fez ali a sua casa até ao dia vinte e um de maio — três meses e dez dias, uma filha e irmã feliz e contente num corpo emprestado.

Depois de a rapariga estar em casa do Sr. Roff, o Rev. Sr. Baker disse ao Sr. Vennum: "Acho que verá o tempo em que desejará tê-la enviado para o asilo". A Sra. Jolly disse que, se ela alguma vez voltasse para casa, daria mais trabalho do que nunca. Outro parente, mais religioso do que humano, disse: "Preferia seguir uma filha minha até à sepultura do que deixá-la ir para os Roff e ser tornada uma Espiritualista". O Dr. Jewett chamou-lhe catalepsia número dois, o que é tão definido e conveniente na explicação deste caso como "embuste" é na explicação de qualquer verdade científica recém-descoberta e inaceitável para a ignorância popular.

Disse ele: "Façam-lhe as vontades e ela ficará boa". Algumas pessoas prudentes e de duas caras diziam, com um ar de quem não se compromete: "Que estranhos caprichos!". Outros, com uma opinião exaltada das suas maravilhosas perceções, diziam: "É tudo fingimento", etc., etc. Contudo, nenhuma das pessoas que expressavam tais opiniões alguma vez tinha ido visitar a rapariga ou obtido qualquer informação daqueles que estavam encarregados dela.

A rapariga, agora no seu novo lar, parecia perfeitamente feliz e contente, conhecendo cada pessoa e cada coisa que Mary conhecia quando no seu corpo original, de doze a vinte e cinco anos atrás, reconhecendo e chamando pelo nome aqueles que eram amigos e vizinhos da família de 1852 a 1865, quando Mary morreu, chamando a atenção para dezenas, sim, centenas de incidentes que transcorreram durante a sua vida natural.

Durante todo o período da sua permanência em casa do Sr. Roff, ela não tinha conhecimento de, nem reconhecia, nenhum elemento da família ou vizinhos do Sr. Vennum; no entanto, o Sr. e a Sra. Vennum e os seus filhos visitavam-na e à família do Sr. Roff, sendo ela apresentada a eles como a quaisquer estranhos. Após visitas frequentes, e ouvindo falar deles muitas vezes e de forma favorável, aprendeu a amá-los como conhecidos, e visitou-os com a Sra. Roff três vezes. De dia para dia, ela parecia natural, descontraída,

afável e industriosa, atendendo diligente e fielmente aos seus deveres domésticos, auxiliando no trabalho geral da família como se poderia supor que uma filha fiel e prudente fizesse, cantando, lendo ou conversando, conforme a oportunidade se oferecia, sobre todos os assuntos de interesse privado ou geral para a família.

Três dias depois de ter chegado a casa do Sr. Roff, enquanto olhava para ele e parecia estar numa espécie de devaneio retrospetivo, perguntou: "Pai, quem era que costumava dizer 'raios partam isto'?" [confound it], e rindo-se com muita vontade quando viu que ele compreendeu que se tratava dele próprio, sendo essa uma expressão comum dele no tempo da infância dela, doze anos antes.

Um dia encontrou uma velha amiga e vizinha do Sr. Roff, que era viúva quando Mary era uma rapariga em casa. Há alguns anos, a senhora casou-se com um Sr. Wagoner, com quem ainda vive. Mas quando ela encontrou a Sra. Wagoner, abraçou-a pelo neck e disse: "Oh, Mary Lord, pareces tão natural, e foste quem menos mudou de todos os que vi desde que voltei". A Sra. Lord não tinha qualquer parentesco com a família Vennum e vivia perto deles, mas Mary só conseguia chamá-la pelo nome pelo qual a conhecia há quinze anos e parecia não se dar conta de que ela estava casada. A Sra. Lord viveu mesmo do outro lado da rua da casa do Sr. Roff por vários anos, antes e até poucos meses antes da morte de Mary; sendo ambas membros da mesma igreja Metodista, eram muito íntimas.

Alguns dias depois de Mary estar estabelecida no seu novo lar, a Sra. Parker, que fora vizinha dos Roff em Middleport em 1852 e porta com porta com eles em Watseka em 1860, entrou com a sua nora, Nellie Parker. Mary reconheceu imediatamente ambas as senhoras, chamando à Sra. Parker "Tia Parker" e à outra "Nellie", como no conhecimento de dezoito anos atrás. Em conversa com a Sra. Parker, Mary perguntou: "Lembra-se de como a Nervie e eu costumávamos ir à sua casa cantar?" A Sra. Parker diz que foi a primeira alusão feita a esse assunto, nada tendo sido dito por ninguém sobre o tema, e diz que Mary e Minerva costumavam ir à casa delas sentar-se e cantar "Mary had a little lamb", etc. A Sra. Dra. Alter (Minerva) diz que se lembra bem disso. Isto foi quando o Sr. Roff geria os correios, e não poderia ter sido depois de 1852, ou seja, doze anos antes de Lurancy nascer.

Uma noite, no final de março, o Sr. Roff estava sentado na sala à espera do chá e a ler o jornal, estando Mary fora no quintal. Ele perguntou à Sra. Roff se ela conseguia encontrar um certo adereço de veludo para a cabeça que Mary costumava usar no último ano antes de morrer. Se sim, que o colocasse na mesa de cabeceira e não dissesse nada sobre o assunto, para ver se Mary o reconheceria. A Sra. Roff encontrou-o prontamente e colocou-o na mesa. A rapariga entrou logo a seguir e exclamou imediatamente ao aproximar-se da mesa: "Oh, ali está o meu adereço de cabeça que eu usava quando o meu

cabelo estava curto!". Perguntou depois: "Mãe, onde está a minha caixa de cartas? Ainda as tens?". A Sra. Roff respondeu: "Sim, Mary, tenho algumas delas". Ela foi logo buscar a caixa com muitas cartas dentro. Quando Mary começou a examiná-las, disse: "Oh, mãe, aqui está um colarinho que eu fiz em renda [tatted]! Mãe, porque não me mostraste as minhas cartas e coisas antes?". O colarinho tinha sido preservado entre as relíquias da lamentada criança como uma das belas coisas que os seus dedos tinham tecido antes de Lurancy nascer; e assim Mary reconhecia continuamente cada pequeno incidente da sua infância.

Recordar-se-ão de que a família se mudou para o Texas em 1857. O Sr. Roff perguntou a Mary se ela se lembrava de se mudarem para o Texas ou de algo sobre isso. "Sim, pai, e lembro-me de atravessar o Red River e de ver muitos índios, e lembro-me das filhas da Sra. Reeder, que estavam na nossa companhia". E assim, de tempos a tempos, ela fazia a primeira menção de coisas que transcorreram de treze a vinte e cinco anos atrás. A dezanove de fevereiro, o Sr. Roff dirigiu-se ao autor nos seguintes termos:

"Sabe como acolhemos a pobre e querida rapariga Lurancy (Mary). Alguns apreciam os nossos motivos, mas a maioria, sem investigação e sem conhecimento dos factos, clama contra nós e contra a rapariga anjo. Alguns dizem que ela finge; outros que está louca; e ouvimos dizer que alguns dizem que é o diabo. * * * A Mary está perfeitamente feliz; reconhece toda a gente e tudo o que conhecia quando estava no seu corpo há doze ou mais anos. Não conhece ninguém nem nada que seja conhecido por Lurancy. * * * O Sr. Vennum veio vê-la, e também o seu irmão Henry, em alturas diferentes, mas ela não sabe nada sobre eles. A Sra. Vennum ainda não consegue vir ver a filha. Ela tem sido apenas Mary desde que está aqui, e não sabe nada a não ser o que a Mary sabia. Ela entrou em transe uma vez de dois em dois dias durante alguns dias. Está perfeitamente feliz. * * * Não sabe o conforto que temos com este querido anjo."

A criança disse frequentemente que gosta do Dr. Stevens logo a seguir ao seu pai, porque ele lhe abriu o portão para ela entrar, e porque ele fez tanto pelo seu pai e pela sua mãe, e pelos seus irmãos, e pelo corpo de Lurancy; e sentindo essa gratidão, escreveu-lhe uma carta com a permissão dos seus pais, no dia vinte de fevereiro, na qual dizia:

"Ainda estou aqui. * * O Frank está melhor. * * A Nervie está aqui para o jantar; a Alice Alter vai ficar cá toda a noite; a Sra. Marsh esteve aqui hoje e leu-nos uma bela carta. Gostava que pudesse passar o serão connosco. * * Gostaria de ter o seu retrato para olhar. * * Por favor, escreva ao pai quando tiver tempo. * * Todos enviamos o nosso amor para si. * * Gosto muito de estar aqui, e vou ficar todo o tempo. * * Fui ao céu e fiquei cerca de uma hora. * * Parece que passou muito tempo desde que o vi. * * * Não se esqueça de mim. Boa noite. MARY ROFF."

Ela escreveu novamente ao doutor a vinte e um de fevereiro, do qual o seguinte é um extrato:

"Acabei de escrever uma carta ao irmão Frank. Ele voltou para a sua loja sentindo-se bastante bem. Os rapazes saíram para tocar num baile. * * À noite fui ao céu, e vi algumas das coisas belas, e falei com os anjos, * * e tenha a certeza de que não me esqueço quando vou ao céu e volto. * * 'Teme ao Senhor * * aparta-te do mal.' — Provérbios 3:7. MARY ROFF."

Poderá ter sido dito que era frequente o caso de, quando Mary ia ao céu, como ela lhe chamava, outros espíritos por vezes, com permissão, virem e apresentarem-se, falando livremente a sua própria língua e sentimentos. O Sr. Roff escreve sob a data de março, como se segue, sobre uma comunicação através de outra jovem em sua casa: ....

"Uma senhora apresentou-se em nossa casa, que afirmava ter vivido e morrido no Tennessee, e diz que foi afligida desde os oito anos de idade até aos vinte e cinco, quando morreu com uma doença semelhante, e de uma forma semelhante àquela com que Mary morreu. Ela diz que Mary tem o controlo de Lurancy Vennum, e manterá o controlo até que esta seja restaurada à sua condição normal, altura em que Mary partirá. Mary está feliz como um pássaro, e dá provas diárias, quase de hora a hora, de ser a inteligência de Mary. Ela não reconhece de todo a família ou amigos de Lurancy. Ela conhece e reconhece tudo o que a nossa Mary costumava conhecer, e nada de todo do que a rapariga Vennum sabe. Ela entra agora em transe sem qualquer rigidez dos músculos, muito suavemente, e por sua própria vontade descreve cenas celestiais, etc., etc. Pensamos que tudo ficará bem, e que Lurancy será ainda restaurada aos seus amigos ortodoxos. * * Alguns dos parentes estão a ceder pelo facto de Mary lhes chamar a atenção para coisas de há treze anos, que transcorreram entre ela e eles. Isso acorda-os. * * É maravilhoso. * * Seria necessário um volume para dar os itens importantes que têm ocorrido."

A Sra. Dra. Alter, sob a data de 16 de abril de 1878, escreve sobre Mary o seguinte:

"A minha irmã anjo diz que vai afastar-se de nós novamente em breve, mas diz que estará frequentemente connosco. Diz que Lurancy é uma rapariga bonita; diz que a vê quase todos os dias, e nós sabemos que ela está a ficar melhor a cada dia. Oh, as lições que nos estão a ser ensinadas valem tesouros de raros diamantes; elas estão gravadas na mente de forma tão firme que o céu e a terra passarão antes que um jota ou um til seja esquecido. * * * Aprendi tanto que é grandioso e belo que não o consigo exprimir; estou muda. * * * Há poucos dias Mary estava a acariciar o pai e a mãe, e eles ficaram um pouco cansados disso, e perguntaram porque é que ela os abraçava e beijava. Ela olhou tristemente para eles e disse: 'Oh, pai e mãe! Quero beijar-vos enquanto

tenho lábios com que vos beijar, e abraçar-vos enquanto tenho braços com que vos abraçar, pois vou voltar para o céu daqui a pouco, e depois só poderei estar convosco em espírito, e nem sempre sabereis quando eu vier, e não vos poderei amar como amo agora. Oh, o quanto eu vos amo a todos!'"

A Mary escreveu ao Dr. Stevens, num envelope com o Sr. Roff, sob a data de sete de maio, o seguinte:

"Caro Doutor: — Pensei em escrever-lhe. Estou em casa da Tia Carrie; vou almoçar com ela. * * * Ontem fui passar o dia com a Sra. Vennum. Ela tinha uma terrível dor de cabeça e eu afastei-a com fricções. O pai está bastante ocupado no seu escritório hoje. A mãe sente-se bastante melhor. * * * Eu sinto-me bastante bem, exceto que o peito me dói um pouco hoje. Começou a doer-me ontem à noite. * * * Eu trato a mãe de manhã e a Nervie à noite por causa de constipações fortes e pés frios. Fomos todos ao Clube da Reforma no último sábado. O ensaio da Tia Carrie foi esplêndido, e muito comovente. * * * Todos lemos aquela carta no 'Religio-Philosophical Journal' da sua filha, e gostámos muito. MARY ROFF."

Na mesma carta o Sr. Roff escreve:

"Quero descrever-lhe uma pequena cena; tempo: segunda-feira de manhã, seis de maio; local: escritório de A. B. Roff, Watseka; presentes: A. B. Roff à mesa a escrever; Frank Roff à mesa à direita de A. B. R.; porta atrás de A. B., e um pouco à esquerda; entra sem ser ouvida a pessoa de Lurancy Vennum; coloca o braço ao redor do pescoço de A. B. Roff, beijando-o e dizendo: 'Pai, vou visitar a Sra. Vennum hoje'; A. B. Roff olha em volta e descobre parada à porta a Sra. Vennum, a mãe de Lurancy, observando a cena. A rapariga deu então um afetuoso adeus ao Frank; A. B. R. pergunta: 'Quanto tempo ficarás?'. Ela responde: 'Até às duas ou três horas'. A Sra. Vennum disse então ao Sr. Roff: 'Se ela não voltar a essa hora, não se assuste, nós cuidaremos dela'. Saem a Sra. V. e a rapariga. Não sabe como me dói o coração por aquela pobre mãe, contudo ela está muito mais feliz do que estava no inverno passado com Lurancy como ela estava. * * *"

No dia sete de maio, o dia em que escreveu a última carta, Mary chamou a Sra. Roff a um quarto privado e ali, em lágrimas, disse-lhe que Lurancy Vennum estava a voltar. Parecia muito triste, e disse que não sabia dizer se vinha para ficar ou não; que se pensasse que ela vinha para ficar, quereria ver a Nervie e o Dr. Alter e a Allie e despedir-se deles. Sentou-se, fechou os olhos e em poucos momentos a mudança ocorreu, e Lurancy teve o controlo do seu próprio corpo. Olhando desvairadamente em redor do quarto, perguntou ansiosamente: "Onde estou? Nunca estive aqui antes".

A Sra. Roff respondeu:

"Estás em casa do Sr. Roff, trazida aqui pela Mary para curar o teu corpo."

Ela chorou e disse: "Quero ir para casa".

A Sra. Roff perguntou-lhe se ela podia ficar até que mandassem vir a sua família.

Ela disse: "Não".

Perguntaram-lhe então se sentia alguma dor no peito. (Isto foi durante o período em que Mary sofria dores no peito esquerdo; segurando continuamente a mão sobre ele, pressionando-o). Ela respondeu: "Não, mas a Mary sentia".

Em cerca de cinco minutos a mudança foi feita novamente, e Mary voltou radiante por se ver autorizada a regressar, e pediu, como fazia frequentemente, que cantassem a canção favorita da sua infância anterior, "We are Coming, Sister Mary".

A criança parecia possuída de todo o afeto natural pela família que se poderia supor que uma filha e irmã de sentimentos delicados e gostos cultos possuísse após uma ausência de doze anos; e ela aproveitava frequentemente a ocasião para demonstrar esse afeto através de nomes carinhosos e palavras gentis. Quando caminhava com a Sra. Alter, a sua irmã Nervie, como ela lhe chamava, dizia: "Nervie, minha única irmã, põe o teu braço ao meu redor". Ou: "Vem, Nervie, põe o teu braço ao meu redor e daremos um pequeno passeio no jardim ou no bosque, pois não poderei estar contigo por muito mais tempo e quero estar contigo cada minuto que puder".

Quando a Sra. Alter lhe perguntava quando ou para onde ela ia, ela dizia: "Os anjos dizem-me que vou para o céu, mas não sei exatamente quando. Oh, como eu gostava que pudesses viver aqui em casa connosco como costumavas quando eu cá estive antes". Ela estimava muito o Dr. Alter, o marido da sua irmã, mas parecia ter dificuldade em perceber que a Nervie estava casada e tinha tido família durante onze anos. Ela disse que, quando entrou neste corpo, sentiu-se tal como se sentia quando cá esteve há doze anos. Este corpo parecia-lhe tão natural como se tivesse nascido com ele, contudo ela não conseguia fazer com ele o que gostaria. Ela não pareceu perceber, ao princípio, senão que este era o seu próprio corpo físico original, até que os anjos lho explicaram, e ela recebeu informações e instruções dos seus pais, irmã, irmão e amigos sobre o assunto. Tão natural lhe parecia, depois de conhecer todos os factos, que dificilmente conseguia sentir que não era o seu corpo original, nascido há quase trinta anos.

Em conversa com o autor sobre a sua vida anterior, ela falou de cortar o braço, como acima mencionado, e perguntou se ele alguma vez viu onde ela o

fez. Ao receber uma resposta negativa, ela procedeu a arregaçar a manga como que para exibir a cicatriz, mas deteve subitamente o movimento, como que por um pensamento repentino, e disse rapidamente: "Oh, este não é o braço; aquele está na terra", e procedeu a contar onde fora enterrado, e como ela viu isso ser feito e quem estava em volta, como se sentiam, etc., mas ela não se sentiu mal. Ouvi-a contar ao Sr. Roff e aos amigos presentes como lhe escreveu uma mensagem há alguns anos através da mão de um médium, dando nome, hora e lugar. Também sobre as pancadas [rapping] e o soletrar de uma mensagem por outro médium, dando hora, nome, lugar etc., etc., o que os pais admitiram ser verdade. Ouvi-a relatar uma história de quando foi para o campo com os homens, há cerca de vinte e tal anos, buscar uma carroçada de feno, nomeando incidentes que ocorreram na estrada, de que dois dos cavalheiros se lembravam distintamente.

Num desses belos transes que a tornavam inteiramente alheia a todo o ambiente físico, aparecendo num estado de êxtase feliz, e, no que diz respeito a maneiras e movimentos, perfeitamente normal e graciosa, com as visões e sentidos totalmente abertos, ela foi para o céu, como lhe chamava, na companhia de outra jovem em igual condição, cujo nome deve ser reservado até que a maravilhosa história que ela está a construir seja tornada pública com o consentimento de todos. Viram e conversaram sobre as belas cenas diante delas, apontando indivíduos, dando nomes, parentesco, histórias, factos, etc., descrevendo lugares e coisas.

A Mary apontou e descreveu alguns com títulos de realeza, tais como Maria, Rainha dos Escoceses, Henrique IV, Rei de França, e outros de igual nota, demonstrando uma rica leitura biográfica e histórica ou experiência e conhecimento na vida espiritual. Depois, curvando-se profundamente, e ajoelhando-se com as mãos postas e as cabeças juntas, como se em devotada e solene devoção, permaneceram em silêncio atento durante algum tempo; depois, levantando-se, a rapariga cujo nome omitimos disse:

"Ele veio para abençoar, não foi, Mary? Um anjo brilhante e belo."

Depois de falarem das diferentes classes que estavam a observar, e das "adoráveis crianças" que atraíam tanto a sua atenção, Mary pareceu tomar nos braços um bebé muito pequeno e tenro e disse: "Este é o bebé da irmã Nervie; quão doce e belo ele é. Não achas que é um docinho de anjo?". A outra, no sotaque mais suave, disse: "Sim, mas parece-me que eles são todos demasiado puros para serem tocados por pessoas como nós", e após algum tempo o bebé foi cuidadosamente entregue de volta ao cuidado dos anjos. A Sra. Alter, que estava presente, tinha perdido recentemente, por morte, um belo bebé e mal tinha recuperado do seu parto. Toda a cena foi de um interesse incomum, muito comovente e impressionante além de qualquer descrição.

Para a descoberta de factos desconhecidos por outros, Mary parecia notavelmente desenvolvida. Uma tarde, ela, com muita preocupação e grande ansiedade, declarou que o seu irmão Frank deveria ser cuidadosamente vigiado na noite seguinte, pois ele ficaria muito doente, e morreria se não fosse devidamente cuidado. No momento deste anúncio, ele estava na sua saúde habitual e ocupado com a banda de música dos Irmãos Roff na cidade. Na mesma noite, o Dr. Stevens tinha estado a visitar a família e, ao sair, deveria ir diretamente para a Sra. Hawks, longe na Cidade Velha, e a família assim o compreendeu. Mas por volta das nove horas e meia daquela mesma noite, o Dr. Stevens regressou sem aviso para casa do Sr. Marsh, o vizinho do lado do Sr. Roff, para passar a noite. Às duas horas da manhã, Frank foi atacado por algo parecido com um espasmo e um calafrio congestivo, que quase lhe destruiu a consciência.

A Mary viu imediatamente a situação, como previsto, e disse: "Mandem ir buscar o Dr. Stevens a casa do Sr. Marsh". "Não, o Dr. Stevens está na Cidade Velha", disse a família. "Não", disse Mary, "ele está no Sr. Marsh; vai depressa por ele, pai". O Sr. Roff chamou, e o doutor, como Mary dissera, estava no Sr. Marsh. À sua chegada à cabeceira do doente, Mary tinha o controlo total do caso. Ela fizera a Sra. Roff sentar-se; providenciara água quente e panos e outros bens necessários, e estava a fazer tudo o que podia ser feito pelo Frank. O doutor secundou os seus esforços e permitiu que ela continuasse. Ela salvou o irmão, mas nunca fez um movimento após a chegada do doutor sem a sua cooperação ou conselho.

Mary falava frequentemente de ver os filhos do Dr. Stevens no céu, que tinham aproximadamente a sua idade e residiam lá há mais tempo do que ela. Dizia que estava muito com eles e que ia à casa dele com ele. Descreveu corretamente a sua casa, as divisões e o mobiliário, deu os nomes e as idades dos seus filhos e, como prova da sua veracidade, contou uma experiência notável da Sra. E. M. Wood, uma das filhas casadas do doutor, a qual, devido às suas características peculiares e à fé de alguns dos familiares, não se destinava ao público, sendo contudo uma bela evidência da guarda angélica. Relatou a história minuciosamente, dizendo que foi ali e naquela altura que obteve o nome da Sra. Wood, pois estava presente com outros que nomeou.

A filha do doutor, Emma Angelia, que estava na vida espiritual desde 10 de março de 1849, procurou através de Mary assumir o corpo que esta controlava e ir para casa com o seu pai para o Wisconsin, para visitar a família durante uma semana, e Mary estava disposta a deixá-la fazê-lo; perguntou ao Sr. e à Sra. Roff se deveria deixar Emma Stevens ter o corpo por uma semana para ir com o seu pai ver e estar com a sua mãe, irmãs e irmão, para que eles pudessem perceber que era a Emma? Mas ninguém considerou isso aconselhável.

Para mostrar a facilidade com que Mary controla, ou entra e sai, como se diz, e o médium perfeito que o corpo de Lurancy é, bastará um único exemplo. No dia vinte e um de abril, nos salões da Sra. Roff, na presença do Sr. e da Sra. Roff, da sua empregada Charlotte, do Dr. Steel e esposa, da Sra. Twing do Oregon, da Sra. Alter, do Sr. e da Sra. M_____, e do autor, ocorreram manifestações de um caráter muito peculiar e feliz. Sendo Mary a última a juntar-se ao grupo no salão, ocupou o único lugar vago, ao lado de um amigo cavalheiro.

O Dr. Steel ficou influenciado pelo irmão de uma das pessoas presentes e fez um discurso muito marcante, com muita energia e patetismo. Ao sair do transe e entrar na conversa geral, Mary descorporizou voluntariamente o seu poder de controlo e, deixando a forma da rapariga como um cadáver, com a cabeça apoiada no ombro do seu amigo, tomou imediatamente o controlo do Dr. Steel e, de todas as formas possíveis exigidas, provou ser ela própria; através daquela forma masculina, virou-se de modo jovial e riu-se da posição do corpo aparentemente desabitado e da sua condição flácida, com uma piada agradável dirigida ao amigo que o amparava. Em breve, porém, regressou ao seu próprio controlo adequado e pareceu divertir-se com a partida que pregara ao controlar o cavalheiro.

Em poucos momentos, pareceu ficar peculiar e, chamando a empregada para a seguir, saíram da sala. Pouco depois regressou vestida à moda antiga, com bata, touca, capa e óculos, etc., apoiada no braço de Charlotte como se estivesse curvada por muitos anos. Nem um traço da rapariga podia ser visto, exceto na pele juvenil do rosto. Sentando-se na velha poltrona, começou a falar como se poderia supor que uma velha senhora de tempos idos fizesse, representando-se como a avó de Charlotte, dando o seu nome, perguntando por todos os parentes, velhos e novos, perguntando por nome por aqueles pertencentes a famílias sobre as quais a rapariga nada poderia saber. Disse que morreu de cancro perto do olho direito e da têmpora; pediu água morna e um pano macio, que lhe sendo fornecidos, procedeu da maneira mais natural a banhar e a tratar o cancro.

Pediu comida e comeu-a, aparentemente sem dentes, fumou depois, como costumava fazer, porque a comida lhe fazia sempre mal se não o fizesse. Pediu trabalho de malha. Sendo-lhe fornecido, queixou-se porque quem fizera a malha não sabia tricotar. Desmanchando e retomando de novo, tricotou, ao mesmo tempo que explicava a Charlotte como tricotar sem olhar. Pediu em seguida costura para remendar e outras coisas para fazer, observou o tecido dos vestidos das senhoras, perguntando os preços, etc., etc. Olhou pela janela, comentou como o lugar era agradável, e assim continuou por uma hora inteira, nunca mostrando por um momento qualquer sinal de farsa, mas sendo uma verdadeira, honesta e experiente velha senhora doméstica. Numerosas outras personalidades poderiam ser relatadas, mas isto é suficiente.

Quando inquirida quanto à materialização de formas, disse ser uma verdade, embora nunca o tivesse tentado porque não sabia como, mas que aprenderia quando encontrasse oportunidade.

Durante a sua estadia em casa do Sr. Roff, a sua condição física melhorou continuamente, estando sob os cuidados e tratamento dos seus supostos pais e sob o conselho e ajuda do seu médico. Foi sempre obediente ao governo e às regras da família, como uma criança cuidadosa e sábia, mantendo-se sempre na companhia de alguém da família, a menos que fosse aos vizinhos mais próximos do outro lado da rua. Foi frequentemente convidada e foi com a Sra. Roff visitar as primeiras famílias da cidade, que depressa se convenceram de que a rapariga não estava louca, mas era uma criança educada e de boas maneiras.

A maneira como agiu durante um tempo considerável após chegar à família do Sr. Roff foi muito estranha para muitos. Sentando-se à mesa do chá numa ocasião, a Sra. Roff disse: "Agora, Mary, o que te sirvo?" Ela respondeu: "Oh, nada, obrigada, mãe. Vou ao céu tomar o meu chá."

Adequando a ação à palavra, partiu num transe silencioso, ou para o céu, como ela lhe chamava, e assim permaneceu até a família ter comido, altura em que regressou ao seu estado normal. Sendo novamente questionada, disse que tinha estado a tomar chá e foi-lhe posta a pergunta: "Mary, o que comes e como o comes?" A sua resposta foi: "Oh mãe, se eu pudesse dizer, tu não conseguirias compreender."

E assim, durante algum tempo, ela apenas comia dessa forma, exceto muito pouco ocasionalmente, para pacificar a família ansiosa. À medida que o seu sistema ficava em melhor condição, comia mais livremente e, durante muitas semanas perto do fim, comeu, bebeu e dormiu como uma pessoa saudável deve fazer.

À medida que se aproximava o tempo para a restauração de Lurancy aos seus pais e ao seu lar, Mary por vezes parecia recuar para a memória e as maneiras de Lurancy por um curto período, mas não o suficiente para perder a sua identidade ou permitir a manifestação da mente de Lurancy, mas o suficiente para mostrar que esta estava a imprimir a sua presença sobre o seu próprio corpo. Ao ser-lhe perguntado "Onde está a Lurancy?", ela dizia: "Saiu para algum lado", ou "Ela está no céu a ter lições, e eu estou aqui a ter lições também".

No domingo, dezanove de maio, por volta das quatro e meia da tarde, o Sr. Roff e Mary estavam sentados no salão, estando Henry Vennum, irmão de Lurancy, na sala de estar, com outra divisão e um corredor de permeio. Mary deixou o controlo e Lurancy tomou posse total do seu próprio corpo. Henry foi chamado e ela abraçou-o pelo pescoço, beijou-o e chorou sobre ele, fazendo chorar todos os presentes. Nesta conjuntura, o Sr. Roff foi chamado e

perguntou a Lurancy se ela poderia ficar até que o Henry pudesse ir buscar a mãe dela (ela tinha expressado o desejo de ir ver o pai e a mãe). Ela disse: "Não", mas que se o Henry fosse buscá-la, ela viria outra vez falar com ela. Saiu imediatamente e Mary voltou. Quando perguntaram a Mary onde tinha estado, ela respondeu: "Vi o Dr. Stevens e ele parece tão bom como sempre outra vez".

A Sra. Vennum foi trazida no espaço de uma hora e, à sua chegada, Lurancy assumiu o controlo total, ocorrendo então uma das cenas mais comoventes que alguma vez se testemunhou. Mãe e filha abraçaram-se e beijaram-se, e choraram até que todos os presentes derramaram lágrimas de simpatia; parecia o próprio portão do céu.

Na manhã de vinte e um de maio, o Sr. Roff escreve o seguinte:

"A Mary vai deixar o corpo da Rancy hoje, por volta das onze horas, diz ela. Está a despedir-se dos vizinhos e amigos. A Rancy voltará para casa bem hoje. A Mary veio do seu quarto lá em cima, onde estava a dormir com a Lottie, às dez horas da noite passada, deitou-se ao nosso lado, abraçou-nos e beijou-nos, e chorou porque se tinha de despedir de nós, dizendo-nos para darmos todos os seus quadros, berlindes e cartões, e os vinte e cinco cêntimos que a Sra. Vennum lhe tinha dado, à Rancy, e fez-nos prometer visitar a Rancy frequentemente. Ela diz-me para escrever ao Dr. Stevens o seguinte: 'Diga-lhe que vou para o céu e que a Rancy vai para casa curada'. Diz que verá os seus queridos filhos na vida espiritual; diz que o viu no último domingo. * * * Ela disse ontem à noite, a chorar: 'Oh pai, vou para o céu amanhã às onze horas, e a Rancy vai voltar curada e ir para casa tudo bem'. Falou com o maior carinho sobre a separação que ia ter lugar, e o seu discurso sobre o céu e o lar foi belíssimo."

A Sra. Alter escreve:

"Quando chegou o dia e os anjos disseram a Mary que Lurancy vinha tomar posse total do seu corpo, isso pareceu deixá-la muito triste. Foi às residências do Sr. L. C. Marsh e do Sr. M. Hoober para se despedir, dizendo-lhes que os anjos tinham dito que o corpo estava curado e que Lurancy vinha para ir para casa e viver com os seus pais novamente, tudo bem; contudo ela diz: 'Sinto-me triste por me separar de todos vós, pois trataram-me tão gentilmente; ajudaram-me com a vossa simpatia a curar este corpo, e a Rancy pode vir habita-lo'."

Isto mostra que os anjos podem ajudar os filhos da terra. O Sr. M. Hoober, sendo um cavalheiro cristão piedoso e amando Mary pela sua doce influência na sua família, entrou na sala e perguntou se ela gostaria de cantar com ele e com a sua boa esposa. Ela disse:

"Sim, estou tão triste, mas quando eu for para o céu todas as lágrimas serão limpas, e eu serei feliz."

Depois de cantarem, ajoelharam-se todos e o Sr. Hoober fez uma oração muito comovente, dizendo: "Se puder ser que um anjo esteja no nosso meio e prestes a deixar-nos para se juntar aos seus na vida espiritual, permita Deus na Sua bondade que ela leve uma mensagem de amor ao meu pai anjo e aos entes queridos que possam, por tudo o que podemos ver, estar a pairar sobre o nosso lar neste momento". Esperava que todos fôssemos melhores e mais sábios e que, quando Lurancy voltasse à sua condição normal, estivesse melhor pelas estranhas e novas lições que aprendeu.

Mary mandou recado à sua irmã Nervie para vir a casa do pai ficar uma hora com ela para se despedir, e que quando a Rancy voltasse às onze horas, que a levasse ao escritório do Sr. Roff, e ele iria com ela para casa do Sr. Vennum. Mary disse: "Virei em espírito tão perto de ti quanto puder e confortar-te-ei na dor, e sentir-me-ás perto de ti às vezes".

Quando chegaram as onze horas, ela parecia relutante em ir ou em deixar a Rancy voltar. A Sra. Alter preparou-se para ir para casa e Mary começou a ir com ela. Quando estavam no quintal, a Sra. A. disse: "Mary, sempre fizeste como disseste que farias, mas como eu não entendo estas coisas, queres por favor deixar a Lurancy voltar agora mesmo, e depois podes vir outra vez se quiseres?". Mary disse: "Sim, deixarei", e beijou a mãe e a irmã em despedida.

Uma voz disse: "Ora, Sra. Alter, para onde vamos?". Depois, num fôlego: "Oh, sim, já sei, a Mary contou-me!".

No caminho encontraram a Sra. Marsh e a Sra. Hoober, que eram as vizinhas mais próximas e as amigas favoritas de Mary; Lurancy não pareceu conhecê-las, mas comentou: "A Mary gosta tanto destas vizinhas". Depois, voltando-se para a Sra. Alter, com quem Lurancy tivera apenas um ligeiro conhecimento dois anos antes, disse: "Sra. Alter, a Mary pode vir falar consigo durante quase todo o caminho para casa, se quiser, e depois eu voltarei". Falou e apareceu como alguém que se conhece pouco. A Sra. Alter disse: "Confiei em ti no passado e, claro, adoraria falar com a minha irmã".

A mudança foi feita novamente, e Mary disse: "Eu amo tanto estar convosco". Ela falou carinhosamente e deu bons conselhos sobre muitas coisas e assuntos familiares. A mudança final ocorreu então à hora prevista, e Lurancy afirmou que sentiu algo como se tivesse estado a dormir, embora soubesse que não estivera. Ao chegar ao escritório do Sr. Roff, dirigiu-se a ele como Sr. Roff e perguntou-lhe se ele a levaria a casa, o que ele fez. No dia vinte e dois de maio, o Sr. Roff escreve-me o seguinte:

"Graças a Deus e aos bons anjos, o morto está vivo e o perdido foi encontrado. Enviei-lhe uma carta ontem às dez horas e meia da manhã,

afirmando que a Mary nos disse que se iria embora e que a Rancy voltaria às onze horas do dia vinte e um de maio. Agora escrevo-lhe para dizer que às onze horas e meia da manhã, a Minerva passou pelo meu escritório com a Rancy Vennum e quis que eu a levasse a casa, o que eu fiz. Ela chamou-me Sr. Roff e falou comigo como uma rapariga jovem falaria, não me conhecendo. Perguntei-lhe como é que as coisas lhe pareciam — se pareciam naturais. Ela disse que lhe parecia um sonho.

Encontrou os seus pais e o irmão de uma forma muito afetuosa, abraçando e beijando cada um em lágrimas de alegria. Envolveu o pescoço do pai com os braços durante muito tempo, cobrindo-o literalmente de beijos. Vi o pai dela agora mesmo (onze horas). Ele diz que ela tem estado perfeitamente natural e parece inteiramente bem. Veja a minha fé ao escrever-lhe ontem de manhã em vez de esperar até que ela viesse."

O "Republican" de Watseka diz:

"O encontro com os seus pais em casa foi muito comovente, e agora ela parece ser uma menina pequena, feliz e saudável, andando de um lado para o outro notando coisas que viu antes de ser atingida, e reconhece mudanças que ocorreram desde então. Este é um caso notável, e o facto de não conseguirmos compreender tais coisas não anula a existência destas manifestações inexplicáveis."

O "Times" de Danville (Ill.), ao falar deste caso, diz:

"O Sr. e a Sra. Roff são Espiritualistas e sustentam firmemente que a capacidade da sua filha de penetrar em livros e cartas fechadas da maneira indicada foi transmitida pelos habitantes do mundo invisível. Não temos uma opinião fixa sobre se o Espiritualismo é falso ou verdadeiro. Certo é que há registos de ocorrências que são difíceis de explicar por qualquer hipótese natural, mas atribuíveis ao auxílio de espíritos. Que digam aqueles que sabem, pois nós não sabemos. Apesar de toda a oposição, os Espiritualistas têm aumentado em número, nem se limitam às classes iletradas, mas abrangem poetas, estudiosos e estadistas. Esperemos que a verdade inofensiva afirme cedo um reinado glorioso e ilumine o entendimento obscurecido dos homens."

O "Times" do Condado de Iroquois (Ill.), sob o título de "Mistérios Mesméricos" e em referência a Lurancy Vennum, diz:

"O Sr. e a Sra. Roff ofereceram-se gentilmente para se encarregarem dela até que a sua mente mudasse e ela ficasse bem novamente. Ela foi para lá em fevereiro e permaneceu até há cerca de três semanas. Desde então tem sido Lurancy Vennum, e está saudável e cheia de inteligência. * * Foi difícil até para os mais céticos não acreditar que havia algo de sobrenatural nela. Se ela não fosse instruída pelo espírito de Mary Roff, como poderia saber tanto sobre a família, pessoas com quem não tinha conhecimento e que nunca tinha

visitado? * * Nenhum estranho teria suspeitado que ela fosse vítima de doença, embora os seus olhos fossem invulgarmente brilhantes. * * Há ainda inúmeros mistérios neste mundo, embora a ciência tenha dissipado muitos prodígios e a filosofia tenha tornado claras muitas maravilhas. Há muito que é inexplicável na ação dos médiuns espiritualistas, e eles fazem muitas coisas que intrigam os maiores filósofos. Céticos e incrédulos como somos, e por curta que tenha sido a nossa experiência, vimos o suficiente para nos convencermos de que o Espiritualismo não é apenas embuste. O caso da Lurancy Vennum, uma jovem brilhante de catorze anos, tem sido objeto de muita discussão em Watseka durante o último ano, e há muito nele que ultrapassa a compreensão humana."

O sujeito deste artigo tornou-se familiar para o autor durante os vários meses em que esteve sob o seu conselho e sob o cuidado e simpatia mais gentis da família do Sr. Roff, falando com ele livremente sobre todos os assuntos necessários para o seu bem e para as cortesias de associação, sempre, contudo, na presença de membros da família. No domingo, dia dois de junho, ele encontrou-a com os seus pais na casa de um amigo que vivia a quase duas milhas da casa do Sr. Vennum.

A Lurancy foi-lhe apresentada pelo Sr. Vennum. Ela parecia ser uma total estranha e, durante duas horas, permaneceu como uma criança tímida e desconhecida. No dia seguinte, três de junho, sem aviso a ninguém, o autor foi à casa de um advogado notável e, ao entrar pelo portão, Lurancy saiu pela porta, parou nos degraus e disse: "Como está, Doutor? A Mary Roff disse-me para vir aqui encontrá-lo. De alguma forma, ela faz-me sentir que o senhor tem sido um amigo muito bondoso para mim"; e ela não o deixou entrar na casa até ter entregue uma longa mensagem da Mary.

Desde a última entrevista, ele viu-a várias vezes, e ela parece descontraída, afável e como uma jovem deve ser. No dia vinte e cinco de junho, ela escreveu uma bela carta, com o consentimento dos seus amigos, dizendo, entre outras coisas:

"Caro Doutor: — Sinto-me bastante bem hoje. Estive em casa da Sra. Alter hoje; ela está muito bem atualmente. Esta tarde passei pelo escritório do Sr. Roff e tive uma conversa bastante longa com ele; mas, claro, foi sobre os anjos amorosos que o senhor e eu amamos tão bem. Deixe que eles envolvam os seus braços no seu pescoço e pressionem na sua fronte o seu beijo. * * * Bem, Doutor, o senhor tem muitos amigos queridos nesta cidade que o amam muito. Vi a Sra. M.***. Ela disse que teria morrido se não fosse pelo senhor, e o senhor sabe sobre a Sra. I.***. Nós sabemos que o senhor salvou a vida dela. * * * Dê um beijo na sua amada esposa por mim, e diga-lhe que todos nos encontraremos no céu se não for na terra. * * * Visitarei a Sra. Roff amanhã. * * * Vou tirar o meu retrato e enviar-lho na minha próxima carta. Levanto-me cedo e apanho o ar da manhã. Gostaria que me escrevesse uma linha. Sua amiga, LURANCY VENNUM."

Esta carta, escrita a lápis, é muito diferente na sua composição e caligrafia daquelas escritas pela mesma mão assinadas por Mary Roff, e dá evidência de outra mente.

Desde que escrevi o anterior, o autor recebeu a seguinte carta da mãe de Lurancy, por gentileza do Sr. Roff:

"Watseka, Ill., 9 de julho de 1878. Caro Amigo: — Mary L. Vennum está perfeitamente e inteiramente bem, e perfeitamente natural. Durante duas ou três semanas após o seu regresso a casa, ela parecia um pouco estranha em relação ao que fora antes de adoecer no verão passado, mas apenas, talvez, a mudança natural que ocorrera dentro da rapariga, e exceto o facto de lhe parecer como se tivesse estado a sonhar ou a dormir, etc. Lurancy tem estado mais esperta, mais inteligente, mais industriosa, mais mulher e mais educada do que antes. Atribuímos o crédito da sua cura completa e restauração à sua família ao Dr. E. W. Stevens e ao Sr. e Sra. Roff, ao obterem a sua transferência para casa dos Roff, onde a sua cura foi aperfeiçoada. Acreditamos firmemente que, se ela tivesse permanecido em casa, teria morrido, ou teríamos sido obrigados a enviá-la para o asilo de loucos e, se assim fosse, ela teria morrido lá e, além disso, que eu não poderia ter vivido senão um curto período com o cuidado e os problemas que recaíam sobre mim. Vários dos parentes de Mary Lurancy, incluindo nós próprios, acreditam agora que ela foi curada pelo poder espiritual e que Mary Roff controlava a rapariga. SRA. LURINDA VENNUM."

No dia dez de julho, o Sr. Roff escreve:

"Caro Doutor: — O Sr. Vennum está fora da cidade, mas tenho falado frequentemente com ele e conheço a sua opinião, expressa muitas vezes, de que Lurancy e a sua mãe teriam ambas morrido se não tivéssemos levado a rapariga; ele dá-lhe todo o crédito ao senhor e a nós por isso. Ele acredita que foi a agência espiritual que fez o trabalho. Lurancy está em perfeita saúde e 'muito mais mulher do que antes' (assim diz a mãe dela). Ela diz que costumava brincar ruidosamente [romp] com os seus irmãos e com os cavalos, etc. Agora é sossegada; o senhor mal pode imaginar como a querida rapariga ama aqueles que a salvaram. Ela envia-lhe uma carta hoje, mas acha um pouco estranho o senhor não ter respondido à última carta dela. Seu, etc., A. B. Roff."

Na carta supracitada referida, a criança escreve:

"Estou bastante bem, e muito agradecida por o senhor ter mostrado a minha carta à sua querida esposa. Tenho a certeza de que não há nada de que me deva envergonhar. * * * Estive na loja do Sr. M. e ele disse-me que o senhor salvou a vida da mulher dele, e eles apreciam-no. Gostaria que eu lhe desse a minha descrição do céu? Dá-la-ei algum dia, quando houver poucos presentes. Não consigo escrevê-la, pois cometo muitos erros. Fiz uma curta

visita à Sra. Alter. * * * Por favor, peça à sua filha para me escrever. Não pode trazer a sua esposa quando vier? O pobre Sr. Wickersham ainda vive. Devemos ter piedade de tais mortais. A minha tia diz que eu sei tudo o que transcorreu, mas ninguém sabe senão os anjos e o senhor. Sua amiga, MARY L. VENNUM."

CORROBORAÇÃO DA NARRATIVA

POR TESTEMUNHAS PRINCIPAIS

Na noite de dezasseis de julho de 1878, nos salões de Asa B. Roff e da sua esposa, nós, os abaixo assinados, reunimo-nos e ouvimos a leitura cuidadosa e a consideração da narrativa precedente, e declaramos ser ela inteiramente verdadeira e correta em todos os aspetos; e, além disso, que agora, após oito semanas de vida doméstica, Lurancy Vennum permanece bem e sã de corpo e mente.

(Assinado) ASA B. ROFF, ANN ROFF, THOMAS J. VENNUM, LURINDA VENNUM.

Watseka, Condado de Iroquois, Ill., 18 de julho de 1878.

Ao Leitor: — O autor recolheu os factos precedentes de uma massa de incidentes interessantes, que poderiam ser muito mais alargados, mas está satisfeito com os poucos incidentes que envolvem princípios até agora discutidos pelo mundo filosófico, e envia-os para constituírem um capítulo na literatura do Espiritualismo. Ele viu hoje a família, incluindo o sujeito da narrativa. A Sra. Vennum foi para o Indiana para uma semana de descanso e visita, e deixou Lurancy encarregada da família e da casa, uma rapariga saudável, feliz e nobre.

E. WINCHESTER STEVENS. 19 de julho de 1878.

DECLARAÇÃO SUPLEMENTAR DE ASA B. ROFF

Ao Editor do "Religio-Philosophical Journal":

Recebendo quase diariamente cartas de leitores do "Journal", perguntando sobre a veracidade da narrativa intitulada "O Prodígio de Watseka", e não tendo tempo para responder plenamente a todas as suas perguntas, sinto-me impelido a recolher delas os pontos proeminentes de inquérito e objeção, e responder brevemente através do "Journal". As pessoas que me escreverem daqui em diante e que não receberem resposta às suas cartas, procurarão a informação desejada neste artigo.

Um escritor pergunta: "É um facto, ou é uma história inventada para ver quão astuto um conto se consegue contar?" Outro pergunta: "Pode a veracidade da narrativa ser substanciada fora de si próprio e daqueles imediatamente interessados? Pode mostrar-se que não houve conluio entre as partes, nem conhecimento anterior?". Um leitor do "Journal" sugere: "É uma história bastante grande [big yarn], e poderá haver algum arranjo entre as partes, ou elas próprias estarem enganadas".

Outro, após dizer que leu a narrativa, comenta: "Confesso que não sou da vossa fé, e duvido muito que os jornais sejam sempre personificações de verdades sagradas, e desejo que, sob a sua assinatura, como cavalheiro, possa confirmar-me a mim e a outros amigos duvidosos as declarações estranhas, misteriosas e, para mim, fantasiosas, naqueles dois jornais. Escrevo inteiramente para superar um sentimento de dúvida que existe em mim e nos meus amigos em relação àquela notável e maravilhosa personificação". Uma senhora escreve: "O relato é verdadeiro em todos os pormenores? Espero que haja uma vida além desta, mas nunca tive qualquer prova".

Forneci ao Dr. Stevens todos os factos materiais do caso, exceto aqueles que eram do seu próprio conhecimento. A história da família Vennum (e a condição de Lurancy até ao momento em que ele e eu a fomos ver, a 31 de janeiro), obtive-a dos membros da mesma e dos vizinhos intimamente familiarizados com eles. A narrativa, conforme escrita pelo Dr. Stevens, é substancialmente verdadeira em todos os pontos e detalhes; contudo, nem metade foi contada, nem nunca poderá sê-lo; é impossível para a pena descrever ou para a linguagem retratar os eventos maravilhosos que transcorreram durante as memoráveis catorze semanas que a rapariga esteve em nossa casa.

Os factos materiais do caso podem ser consubstanciados por testemunhas desinteressadas, cuja veracidade não pode ser questionada e cuja evidência se sustentaria num tribunal. Refiro-os a Robert Doyle, Charles Sherman, S. R. Hawks, Lile Marsh, J. M. Hoober e suas esposas, e à Sra. Mary Wagoner, anteriormente Mary Lord, todos residentes de Watseka. Quanto a "conluio", "arranjo" ou "nós próprios estarmos enganados", tal é simplesmente impossível, como verão se lerem cuidadosamente toda a narrativa de novo.

Eu também duvido que os jornais sejam sempre "personificações de verdades sagradas", mas, neste caso, asseguro ao escritor que o "Journal" personifica, de facto, uma verdade muito sagrada: a da imortalidade do homem. * * *

Falando com Mary, por vezes falávamos da sua morte. Ela respondia rapidamente: "Eu nunca morri", ou "Eu não morri". Ela nunca se cansava de falar da vida além desta. Deixaria em qualquer altura a sua brincadeira, a sua leitura ou os seus companheiros joviais para falar com o seu "pai" ou "mãe"

sobre o céu e os anjos, como ela denominava a vida espiritual e os espíritos que deixaram o corpo.

Questionei Lurancy Vennum em diferentes ocasiões sobre se ela se lembrava de algo que tivesse ocorrido durante o tempo em que Mary teve o controlo do seu organismo, e ela afirmou que recorda muito poucas coisas ocorridas no último mês em que foi controlada, mas que em todos os casos a informação lhe foi transmitida por Mary.

Em conclusão, permitam-me dizer àqueles que duvidam ou não acreditam na "estranha, misteriosa e maravilhosa história": tragam à memória a condição de Lurancy em sua casa em janeiro passado, cercada de todos os cuidados gentis de pais, amigos e médicos, tudo o que mentes e mãos humanas poderiam possivelmente fazer para aliviar o seu sofrimento e realizar uma cura, e contudo piorando continuamente (se tal fosse possível), abandonada pelos seus médicos, os seus amigos sem um raio de esperança, o asilo de loucos pronto a recebê-la — uma condição terrível de contemplar! Depois, vejam a sua condição desde vinte e um de maio até hoje, mais de três meses: uma rapariga brilhante, bela, feliz, saudável; e digam-me então o que produziu a mudança. A narrativa fornece os factos; expliquem-nos, se puderem, através de qualquer outra hipótese que não o poder exercido através ou pelo espírito de Mary Roff, tendo o controlo do corpo de Lurancy.

Tenho agora sessenta anos; resido no condado de Iroquois há trinta anos e não sacrificaria agora qualquer reputação que possa ter ao ser parte na publicação de tal narrativa se ela não fosse perfeitamente verdadeira. Se alguém desejar testemunhos da minha posição, o Coronel Bundy tem alguns para usar como considerar melhor. ASA B. ROFF. Watseka, Ill., 23 de agosto de 1878.

("Religio-Philosophical Journal", 31 de agosto de 1878).

MENÇÃO HONROSA DE ASA B. ROFF

O nome deste cavalheiro tornou-se ultimamente de muito interesse para os nossos leitores em ligação com o caso de Lurancy Vennum. De um esboço biográfico algo extenso do Sr. Roff, publicado em janeiro passado no "Iroquois County Times", um jornal impresso em Watseka, extraímos o seguinte:

- Um cavalheiro agora no seu sexagésimo ano, embora com um coração tão jovem e feliz como o de uma criança; agradável, generoso e cheio de simpatia, é respeitado por todos os que o conhecem, enquanto os seus amigos mais íntimos o amam e honram pelo seu valor pessoal. * * * A sua atual posição invejável entre os seus semelhantes deve-se inteiramente à sua energia indomável e integridade de propósito. A sua família é das mais exemplares; todos os que os conhecem os amam;

nenhuma família na nossa comunidade é mais feliz nas suas relações domésticas. Que assim seja sempre com eles.

Os extratos acima, em ligação com as seguintes cartas, parecem estabelecer a reputação do Sr. Roff pela verdade e veracidade para além de qualquer dúvida:

Watseka, Ill., 22 de agosto de 1878. Editor do "Religio-Philosophical Journal": Caro Senhor: — Muitas perguntas me são feitas quanto à posição do Sr. Asa B. Roff. Estas perguntas são suscitadas através da publicação no seu Jornal do relato do Dr. E. W. Stevens sobre os fenómenos de Mary Roff e Lurancy Vennum. Desejo dizer-lhe que nenhum homem nesta comunidade goza de maior estima entre o povo do que o Sr. Roff. Ele é um cavalheiro honrado e de espírito elevado que desdenharia dar crédito a qualquer coisa não verificada por factos. Não acredito que o Sr. Roff seja capaz de um ato vil. Não é da sua natureza. Muito atentamente seu, MATTHEW H. PETERS, Presidente da Câmara de Watseka e Editor do "Iroquois Times".

Chicago, Ill., 22 de agosto de 1878. Conheço pessoalmente Asa B. Roff desde o ano de 1858 e tenho o prazer de declarar que o seu caráter e reputação pela verdade e veracidade são bons. CHARLES H. WOOD, (Ex-Juiz) Vigésimo Circuito de Illinois.

Recebemos também cartas falando nos termos mais elogiosos do Sr. Roff e família dos seguintes cavalheiros de Watseka: O. F. McNeill, Ex-Juiz do Condado; O. C. Munhall, Chefe dos Correios; Robert Doyle, Advogado; John W. Riggs, Escrivão do Circuito; Henry Butzow, Escrivão do Condado; Thomas Vennum, antigo Escrivão do Circuito; Franklin Blades, Juiz do Décimo Primeiro Circuito Judicial; M. B. Wright, Juiz do Condado.

NOTA EDITORIAL

Acreditando que aqueles que leram o relato do caso de Lurancy Vennum conforme publicado há oito anos, bem como milhares que o lerão agora pela primeira vez, estariam interessados em acompanhar o sujeito de tais experiências invulgares através dos anos seguintes, o editor enviou uma carta de inquérito ao Sr. A. B. Roff. Esse cavalheiro, tendo obtido as informações que pôde junto dos pais dela e de outros, adiciona-as às suas e traz a história de Lurancy Vennum até à data presente. A sua declaração, conforme dada abaixo, pode ser totalmente consubstanciada e é merecedora de confiança.

Watseka, Ill., 4 de dezembro de 1886. Na sua carta para mim de nove de novembro, o senhor disse: "A 16 de julho de 1878, o senhor e outros certificaram a boa saúde e mente sã de Lurancy Vennum. Poderia dar-me uma breve declaração da história dela desde então até agora? Teve algum regresso dos sintomas? É médium agora, ou foi em alguma altura desde 1878? Qual é o

estado da sua saúde e qual tem sido desde 1878? Tem ela alguma lembrança da sua antiga experiência enquanto controlada pelos espíritos?"

Por conveniência, não responderei às perguntas categoricamente, mas em forma de narrativa. Lurancy Vennum continuou a residir com os seus pais em Watseka e arredores desde maio de 1878, quando regressou a casa vinda da nossa casa, até 1 de janeiro de 1882, data em que se casou com George Binning, um agricultor que vivia a três milhas de Watseka, onde residiram até se mudarem para o Oeste em setembro de 1884, e vivem agora no Condado de Rollins, Kansas.

Encontrámo-la frequentemente antes de irmos para o Oeste em junho de 1879, e todos os anos sucessivos até eles se mudarem em 1884, sempre que a oportunidade se proporcionava durante as nossas visitas anuais a Watseka; e então Mary tomava o controlo de Lurancy exatamente como fizera durante o tempo em que ela esteve em nossa casa em 1878; desfrutámos assim de muitas épocas felizes juntos. À parte disto, ela teve pouca oportunidade de usar a sua mediunidade, pois os seus pais tinham medo de conversar com ela sobre o assunto, temendo que isso causasse um regresso dos "ataques" (como lhes chamavam), tais como os que ela tinha antes de Mary a trazer para nossa casa.

O seu marido, nunca se tendo familiarizado com o Espiritualismo, forneceu parcas condições para maior desenvolvimento nessa direção; isto, aliado ao facto de os seus muitos cuidados domésticos e vida ocupada, juntamente com o encargo dos seus filhos, ter tornado o exercício da sua mediunidade extremamente difícil, exceto quando era colocada no convívio da nossa família ou de outros que porventura fornecessem as condições necessárias.

Lurancy tem o que se poderia chamar, talvez, uma "lembrança" da sua antiga experiência enquanto controlada pelo espírito. Ela fala sempre disso assim: "Mary disse-me", ou "Mary apresentou-me", etc. Ela travou conhecimento com várias pessoas enquanto Mary a controlava que eram totais estranhas para Lurancy Vennum. Quando o controlo a deixou, ela continuou o conhecimento assim formado e manteve sempre uma afeição calorosa por elas. Mary, diz ela, disse-lhe que aquelas eram boas pessoas, etc. Ela nunca teve necessidade de um médico desde que nos deixou — nunca tendo estado doente desde então; nem houve um regresso dos antigos sintomas — sem dores, sem ataques — em suma, "ela está vestida e em seu perfeito juízo".

Que o mundo espiritual tem encargo sobre ela, que o seguinte o resolva para sempre, o que pode ser totalmente consubstanciado por testemunhas fiáveis: No nascimento do seu primeiro filho ela foi emtranse [entranced], os seus olhos voltaram-se para o céu, um belo sorriso pairou no seu rosto, o trabalho de parto decorreu sem dor e, só quando a nova alma deu voz à sua

presença, é que ela mostrou qualquer sinal de consciência do que ocorrera. Disse então: "Ora, o que é aquilo?". Quando foi informada de que era o seu bebé, disse: "É verdade?". E ficou radiante por pensar que o Pai Deus enviara um anjo para se interpor entre ela e aquela agonia que toda a alma de mãe tão bem compreende.

Considero um dever, uma vez que o Dr. E. W. Stevens partiu para a vida superior, relatar uma ocorrência que teria sido publicada em "O Prodígio de Watseka" logo de início, não fosse a relutância do Doutor em ter qualquer coisa naquela publicação que repousasse inteiramente no seu testemunho individual para prova. Quando Lurancy estava em nossa casa sob o controlo de Mary há cerca de seis ou oito semanas, disse ao Dr. Stevens na nossa presença:

"Vai receber uma carta do céu." Ele perguntou: "Quando?". "Não sei; mas vai receber uma", respondeu ela.

Duas ou três semanas depois, o Dr. Stevens veio novamente a nossa casa e relatou então a Lurancy (Mary) e a nós que recebera a carta nalgum lugar onde pernoitara. Viu de manhã, enquanto fazia a sua higiene, uma carta, aparentemente suspensa no ar, todavia em escrita clara, e assinada por um notável médico francês (cujo nome esquecemos), que morreu há muitos anos. A carta continha instruções para tratar uma maleita física de Lurancy, que o Dr. S. tinha perdido de vista. Foi com dificuldade que a família e o Doutor obtiveram o consentimento do espírito controlador para que o corpo fosse magnetizado; contudo, o tratamento foi dado, estando o Dr. S. sob o controlo de Peonomo, o seu curador índio e, enquanto ele tratava, Peonomo falava na sua língua nativa e Mary interpretava para os pais.

A conversa foi sobre os órgãos doentes, dos quais Lurancy era totalmente ignorante. A carta referida ordenava cinco tratamentos, mas três provaram ser suficientes para restabelecer a ação natural e criar melhores condições para o espírito controlador terminar a cura. Lurancy tem tido a maior consideração e afeto pela família do Dr. Stevens e pela nossa família, e por todos os amigos de Mary Roff, desde que Mary renunciou ao seu controlo e Lurancy se tornou ela própria novamente. O pai e a mãe de Lurancy permanecem firmes na crença de que foi o poder espiritual que salvou e curou a sua filha. Seu verdadeiramente, ASA B. ROFF.

REMINISCÊNCIAS DA MINHA IRMÃ MARY ROFF

Por SRA. H. H. ALTER.*

Ocorreu-me frequentemente que um relato de alguns dos incidentes que acompanharam o regresso a casa da minha irmã, Mary Roff, poderia ser de interesse para outros que têm irmãs a habitar a Terra de Fronteira. A alegria que é nossa quando, após anos de separação, reencontramos os entes queridos desta vida, foi intensificada quando, das profundezas nebulosas, surgiu sem aviso a minha própria irmã espiritual, Mary.

Até àquela data, tinha sido levada a acreditar que uma barreira intransponível impedia para sempre o regresso de um habitante desse lar distante. O que esta revelação significou para mim, não o consigo exprimir. Com ela veio um novo incentivo e um sol radioso que sempre permaneceu para iluminar e harmonizar tudo o que me é querido. Esta visitação foi tão real como se, nalguma terra estrangeira, eu me tivesse deparado face a face com a irmã viva e respirante da minha vida anterior — o beijo, o abraço e o riso de rapariga tão palpáveis como quando em forma física.

Tenho agora sessenta e quatro anos de idade. Não poderia ter qualquer propósito em enganar-me a mim própria ou em induzir outros em erro. A minha vida, embora sem grandes eventos, tem sido feliz. A minha confiança no cumprimento de todas as esperanças quanto à vida futura tem crescido ano após ano, com a minha idade. E, à medida que o pôr-do-sol se aproxima, não nutro qualquer medo da noite que vem: as suas sombras não contêm nas suas dobras qualquer exigência de atormentar com horror a hora final. Passei a conhecer algo de tangível sobre a terra para a qual todos viajamos; e aguardo o nascer do sol na manhã do meu outro lar com a mesma alegria que me alegra a alma neste.

O mistério da partida não é para mim tão complexo como é o segredo da entrada na vida. Quer o confessemos ou não, o conhecimento mais procurado é o de outra vida; o interesse nos papéis que desempenhamos agora está submerso nos papéis que estamos destinados a desempenhar na próxima fase da evolução. Cada ator no grande drama da existência tem um papel particular. O caráter de Katrina Hogan, conforme descrito pelo Dr. Stevens nas páginas anteriores, era claramente visível.

Quando Katrina tinha a posse do corpo de Lurancy Vennum, antes da ocupação de Mary Roff, a minha mãe e eu implorámos-lhe que desistisse do seu controlo grosseiro e vulgar. Apelámos ao melhor eu de Katrina para que retirasse a sua influência, apontando o dano que estava a infligir à divina natureza de rapariga confiada aos nossos cuidados. Este apelo não foi em vão. Katrina confessou o seu propósito egoísta; ela não só prometeu abandonar, como abandonou, em grande medida, a sua interferência perniciosa. Nesta ocasião, ela disse, conforme me recordo: "Sra. Roff, não sou tão má como

pensa que sou. Na terra, eu possuía um corpo magnético forte. Amava usá-lo para o meu propósito. Tinha uma mão que poderia esmagá-la com a sua força; e é através do exercício deste poder magnético que a vida tem sido sustentada no corpo enfraquecido de Lurancy Vennum".

Tal papel do drama da vida quotidiana, você, meu leitor, poderá não querer assumir. Preferiria que as suas falas fossem tecidas no tecido de um caráter mais fino. No entanto, cada um de nós desempenha um papel proporcional ao nosso desenvolvimento e em sintonia com as nossas simpatias. Quando o grande poeta escreveu, "O mundo é um palco, e todos os homens e mulheres meros atores", bem poderia ter acrescentado que, quando nesta vida a peça termina e as luzes do proscénio se apagam, a representação ainda continua: os personagens invisíveis vêm e vão, cada um repetindo as suas falas, e a música da orquestra, não ouvida por ouvidos mortais, ainda flutua no vasto Anfiteatro da Natureza; e que ainda mais além, sob os golpes de um martelo silencioso, estão a crescer para a vida os cenários para outro ato; entre ensaios e repetições, cada ator elaborando um papel que é apenas seu.

Foi por solicitação final dos pais de Lurancy Vennum que ela se tornou uma residente temporária no lar da minha mãe; assim o desejaram o Sr. e a Sra. Vennum com a esperança de evitarem confiar Lurancy a um asilo de loucos. Lurancy foi recebida com uma alegria muito maior do que a que caracterizaria o regresso a casa de uma filha nesta vida. Percebemos que estávamos a acolher na forma física uma filha e irmã que estivera morta doze longos anos.

Lembro-me de que, após a calorosa saudação ter terminado, Lurancy aproximou-se do piano e disse: "Oh, Mãe! O mesmo velho piano — e a mesma velha capa!". Então, abrindo a caixa do instrumento, tentou tocar e cantar como outrora. As canções eram as da sua juventude; enquanto estávamos ali a ouvir, as notas familiares eram as dela, embora emanando dos lábios de outra pessoa. O efeito, contudo, foi apenas parcialmente bem-sucedido. Virando-se com um sorriso para a família presente, comentou: "Não consigo fazer os meus dedos funcionar exatamente bem".

Frequentemente, a minha irmã Mary dava-nos instruções sobre o que deveríamos fazer para assegurar o regresso da saúde ao corpo de Lurancy Vennum no qual ela vivia então. Quando estas instruções eram cumpridas, os resultados eram sempre benéficos. Por vezes, era-lhe permitido visitar outros lares e conviver com outras raparigas. Era então que as condições pareciam abrir caminho para a intrusão de Katrina Hogan e outros; e após tais ausências, só quando as influências harmoniosas do seu antigo lar eram alcançadas é que ela emergia como a mesma doce irmã Mary — demonstrando claramente que condições favoráveis eram necessárias para a sua ocupação imperturbada do corpo de Lurancy. Aqui, a autossugestão pode ter tido um papel; pois, se

retivermos a memória na vida além, o que devemos fazer para reconhecer novamente qualquer coisa neste plano, não é razoável supor que a mesma lei governa lá como aqui? Mas poderia a autossugestão pré-organizar em todo o seu detalhe o drama conforme ele estava a ser encenado? Impossível!

Como antes sugerido, havia por vezes uma hipnose incompleta que poderia ser comparada aos raios persistentes do sol poente misturando-se com a noite. Nenhuma das personalidades, de início, se destacava de forma positiva, clara e completa em si mesma. Deve ser entendido que o ego — o espírito consciente — é uma entidade — uma "entidade individualizada" que nenhumas paredes de carne e osso podem confinar quando inteligências celestiais superiores têm algum grande propósito a realizar.

Durante os três meses em que a minha irmã Mary viveu no corpo de Lurancy, fui levada a sentir que, qualquer que fosse a solução que resolvêssemos adotar, as leis desconhecidas utilizadas estavam em acordo com aquelas que governam a minha própria existência. Não existiam relações tensas entre a irmã — espiritualmente — invisível e eu. Não me parecia estranho que o cruzamento e re-cruzamento dos inúmeros fios que nos mantinham em contacto com a outra vida, e que permitem aos dessa outra vida pressentir esta vida, transmitissem algumas coisas peculiares à sua fonte. Não posso deixar de acreditar que os meus entes queridos me pertencem sempre, quer vivam num plano físico ou num corpo espiritual.

Durante a visita de Mary, ela e eu passámos muitas horas felizes a recordar os eventos dos nossos dias de infância, muitas cenas das quais eu me tinha esquecido até serem recordadas pela Mary. Lembro-me de que, durante uma destas longas conversas, estávamos sentadas à janela da cozinha com vista para uma extensão do jardim onde a minha irmã brincara anos antes, e que rodeava a casa na qual ela morreu. Subitamente, Mary exclamou: "Oh, Nervie! Lembras-te daquela vez em que a prima Allie Roff e eu encontrámos uma galinha velha com os olhos inflamados debaixo daquele arbusto de groselha — como banhámos os olhos dela com unguento e fizemos tudo o que podíamos para a curar?". Eu tinha-me esquecido desta travessura, e de muitas outras que Mary igualmente trouxe à memória para mim.

Numa certa ocasião, quando Mary estava a ser entrevistada pela Sra. Sherman, a quem o Dr. Stevens fez referência, ela foi questionada como se questionaria um viajante de um país estranho, e solicitada a dar um relato das personagens que encontrara na Terra do Verão. Mary deu à Sra. Sherman os nomes exatos daqueles que tinham composto a sua família, falecidos há muito, e também os nomes de muitos vizinhos e conhecidos da Sra. Sherman que já tinham partido; mencionando em particular a família do Rev. Sr. Rhea e indicando o nome de uma criança em forma espiritual desconhecida para a Sra. Sherman. Pelo seu conhecimento íntimo da família Rhea, a Sra. Sherman insistiu que Mary estava enganada neste caso; mas Mary manteve firmemente

que a criança nomeada residia na vida além, e investigações posteriores provaram que isto estava correto. O nome dado era um que estava a ser considerado quando o bebé, no parto ou pouco depois, partiu.

Se ocorrências como a anterior não possuem positivamente o valor de uma comunicação clara e direta com o mundo espiritual, alguma outra solução que não envolva a autossugestão deve ser elaborada. Se a hipótese de um eu subconsciente e subliminar for adotada, quanto de uma personalidade distinta podemos alegar representar? E como é que aqueles que objetam à hipótese espiritual sabem até que ponto as suas objeções se devem a esta mesma autossugestão? Será o cérebro o joguete de forças externas que constroem ou desmantelam aquilo que cada um de nós tão orgulhosamente reclama como especialmente seu — a personalidade distinta?

Se a autossugestão explica os fenómenos no caso da minha irmã, então deve explicar grande parte ou todos os fenómenos que experimentamos diariamente. Será o cientista menos influenciado por este agente subtil do que o cérebro não instruído? Estaremos dependentes do caráter da nossa própria mentalidade, ou serão os nossos cérebros, por assim dizer, apenas placas sensibilizadas que recebem e registam imagens-pensamento fugazes conforme passam sem serem chamadas diante de nós? Estas explicações são para mim pesadas e forçadas quando comparadas com a realidade distinta do regresso do espírito, que é simples e natural, e está de acordo com os Princípios da Natureza conforme os estamos a começar a compreender.

À medida que o tempo designado se aproximava mais e mais para a partida da minha irmã Mary, enchi-me de ansiedade quanto a quando e como o espírito consciente de Lurancy Vennum voltaria e reclamaria o seu próprio corpo. Invulgar, na verdade, nesta vida, é o espetáculo de duas personalidades habitando e dominando alternadamente uma única morada. As minhas dúvidas e medos quanto ao desfecho foram intensificados pela crítica pública, naturalmente gerada; e isto manteve-me numa escrutinação próxima de tudo o que estava prestes a ter lugar.

Numa certa manhã, a minha Mãe e eu estávamos sentadas no quarto da Mãe, com Lurancy entre nós. Determinámos testar a possibilidade da mudança contemplada; e perguntámos a Mary se ela conseguia compreender o propósito do seu controlo do corpo de Lurancy, e quando e como as personalidades poderiam ser efetuadas. "Mary," disse eu, "tu dizes-nos que 'Lurancy está mesmo ali fora'; consegues demonstrar a mudança de personagens?". "Compreendo porque estou aqui, claro," respondeu ela; "vou perguntar e ver se a Lurancy pode voltar". E num instante, Lurancy — tímida e encolhida, novamente no físico e num lar estranho — estava diante de nós.

A mudança na personalidade foi completa em todos os aspetos, e a situação foi dolorosamente embaraçosa. Lurancy — a verdadeira Lurancy —

novamente no seu próprio corpo, exigiu saber onde estava. Ela reconheceu-me, contudo; eu tinha-a treinado com outras raparigas em várias funções sociais e da igreja. Mas tive de a apresentar à minha mãe. Lurancy pediu para ser levada para casa e inquiriu com a maior ansiedade pela sua mãe e pela família imediata. Nós — a Mãe e eu — explicámos que ela estivera doente e que estava connosco com o propósito de ser curada. Então, num momento, a personalidade foi invertida e a minha irmã Mary estava a falar pelo corpo de Lurancy. Agarrando-me pelo pescoço, implorou: "Nervie, duvidas ainda que sou eu?". Foi então que Mary nos informou que dentro de uma semana — nomeando o dia — ela partiria para o seu lar no céu.

O Dr. Stevens retratou fielmente muitos eventos ocorridos nesta história maravilhosa; e eu poderia e acrescentaria muitos mais que não chegaram ao seu conhecimento, não sentisse eu que fazê-lo não poderia fortalecer ainda mais a evidência da visita de um anjo ao lar do meu Pai.

Na manhã do dia que fora nomeado, fui, conforme instruído por Mary, ao lar dos meus pais para uma despedida final; e a partir daí ficou combinado que eu acompanharia Mary ao escritório do meu Pai, e que o Pai a escoltaria até casa.

A tristeza de uma despedida é demasiado bem conhecida por todas as mães e irmãs. Deixando a casa de braço dado, Mary e eu iniciámos o que foi para mim uma jornada extraordinária. Então percebi plenamente o prodígio disso; eu sabia que apenas poucos mortais poderiam compreender que eu estava a caminhar pela estrada em companhia próxima com uma inteligência consciente que habitara noutro mundo durante doze anos. Mas era muito real para mim.

Depois de termos passado pela casa da Sra. Marsh, onde as despedidas foram ditas, e quando eu estava oprimida por medos de algo que não conseguia definir, disse a Mary: "Onde está a Lurancy agora?". "Mesmo ali fora, Nervie," respondeu ela, como respondera antes; e como um relâmpago houve outra mudança, e Lurancy Vennum tinha regressado. Sobressaltada e confusa, nos meus esforços para a pacificar, assegurei-lhe que estávamos a caminho da casa dela; e então rezei com todas as minhas forças para que Mary fosse autorizada a vir novamente e permanecer até chegarmos a casa. E tão instantaneamente como antes, houve ainda outra alteração: Lurancy partira e Mary estava de volta ao meu lado.

Juntas entrámos na minha própria casa, pela qual passámos para chegar ao escritório do meu Pai, pela última vez; e depois de termos descansado por alguns momentos, e comprimido naquele breve espaço todo o amor e carinhos de que tanto tínhamos sentido falta uma da outra numa separação de anos, o beijo final foi dado e retribuído — e num momento Mary deixou-nos pela última vez.

Lurancy Vennum cresceu para ser uma mulher saudável de meia-idade. É mãe de onze filhos, e é respeitada como vizinha e honrada como amiga. Do papel que desempenhou num grande drama encenado pelo céu e pela terra, e do que experimentou, ela tem apenas uma vaga lembrança; mas a sua afeição pelos seus antigos amigos não diminuiu com o passar dos anos.

Watseka, Illinois, 7 de setembro de 1908.